

FACULDADE CATÓLICA DA ANÁPOLIS

BACHARELADO EM TEOLOGIA

EDNALVA MOREIRA DA SILVA

O ESPÍRITO SANTO EM SÃO BASÍLIO

ANÁPOLIS GO

2023

EDNALVA MOREIRA DA SILVA

O ESPÍRITO SANTO EM SÃO BASÍLIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação do prof. Pe Carlito Bernardes de Oliveira Junior.

ANÁPOLIS GO

2023

FOLHA DE APROVAÇÃO

EDNALVA MOREIRA DA SILVA

O ESPIRÍTO SANTO EM SÃO BASÍLIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação do prof. Pe Carlito Bernardes de Oliveira Junior.

Data da aprovação:

ANÁPOLIS GO

2023

DEDICO

A todos aqueles que participaram desse percurso lindo e desafiador que é viver e, que de alguma forma contribuíram na construção dos valores que prezo e comunico.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pelo chamado à vida. Aos meus pais e familiares por todo apoio e por me deixarem livre para viver. Aos meus amigos mais próximos pelas confidências e amizade sincera, ao meu amor que, mesmo sem saber, deu um novo elã ao meu caminhar e me dá todos os dias forças novas para querer viver com mais intensidade o tempo presente. Enfim, aos bons professores que tive e que me ensinaram a gostar de estudar.

Jo 3,16 *“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho Unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”.*

SUMÁRIO

Sumário

Introdução.....	7
2. VIDA E OBRA DE SÃO BASÍLIO.....	9
2.1 Contexto histórico	9
2.1.1 Contexto Político	9
2.1.2 Contexto eclesiástico e teológico	11
2.2 As origens, formação e Ministério de São Basílio	14
2.3 Os escritos de São Basílio	20
2.3.1 Cartas	20
2.3.2 Homilias	21
2.3.3 Tratados	22
2.3.4 Obra pedagógica	24
2.3.4 Liturgia	24
3. PNEUMATOLOGIA DE SÃO BASÍLIO	25
3.1 Origem e ocasião do Tratado “Sobre o Espírito Santo”	25
3.2 Ousía e hypóstasis	29
3.2.1 Definição de Basílio	29
3.2.2 Definições comuns da época	30
3.3 Tratado “Sobre o Espírito Santo”	31
3.3.1 Fórmula Batismal	34
3.3.2 Participação do Espírito Santo na criação e no plano de salvação	35
3.3.3 Co-enumeração x Subenumeração	36
4. CONCÍLIO DE CONSTANTINOPLA.....	39
4.1. O Símbolo.....	40
5. Conclusão	48
Referências	50

Introdução

Ao longo da história, dá-se a impressão de um certo esquecimento da terceira pessoa da Santíssima Trindade. Nos primeiros séculos da Igreja, frente as dúvidas sobre a divindade de Jesus, as preocupações se voltaram às definições cristológicas, ao combate das heresias contrárias à revelação de Cristo como Filho de Deus. Somente depois, começaram a surgir as questões pneumatológicas. A partir de meados do século IV, não era mais possível ignorar os questionamentos relacionados à divindade do Espírito Santo, pois as heresias se espalhavam e confundiam sempre mais os fiéis cristãos.

Dúvidas e confusões nas interpretações existiram desde os primórdios da Igreja. E esse trabalho quer ser uma síntese das principais controvérsias dos primeiros séculos do Cristianismo, relacionadas principalmente ao Espírito Santo. Não pode-se falar de Basílio sem relacioná-lo ao seu contexto, e dentro de seu período as heresias multiplicavam-se. Interessante observar o avanço das definições teológicas graças aos questionamentos do século IV. A partir disso, percebe-se que a Igreja de Cristo não está órfã e é o próprio Espírito que a conduz, suscitando dentro dela pessoas capazes de orientá-la na Verdade.

Basílio, o Magno, foi uma destas pessoas suscitadas pelo Espírito na condução da Igreja, na defesa ardua da fé Nicena e da divindade do Espírito Santo, contra àqueles que atacavam de todos os lados a ortodoxia trinitária. São Basílio, em um tempo decisivo para o Cristianismo, se torna uma fonte rica para a fidelidade da fé revelada por Cristo, escrevendo verdadeiros tesouros referentes à Doutrina do Espírito Santo que serviram de base para a Doutrina Trinitária.

Mesmo evitando ao máximo os conflitos, que poderiam gerar mais divisões dentro da Igreja, Basílio escreve seu Tratado Sobre o Espírito Santo, em resposta às dúvidas de um amigo. Àqueles que atacavam sua teologia, o padre capadócio não os considerava inimigos pessoais, mas inimigos da Verdade, inimigos da fé trinitária revelada por Jesus. Ele sofreu as dificuldades de encontrar uma linguagem inteligível aos cristãos de seu tempo, pois se tratava de um grupo com cultura heterogênea. Cada dificuldade de seu tempo foi bem utilizada pelos dispersores, para provocá-lo e dismantelar seus pensamentos teológicos.

Todo seu árduo trabalho desdobrou-se no símbolo Constantinopolitano. Nem mesmo os bispos participantes do Concílio de 381 tinham consciência da importância que tomariam as orientações dadas por eles. Aquilo que, aparentemente, não passava de mais um sínodo entre tantos ocorridos no séc. IV, tornou-se logo reconhecido como Concílio de Constantinopla, pois suas indicações serviram como orientação para a Igreja Universal. Neste Concílio, o assunto em destaque

foi a questão pneumatológica e as discussões já enfrentadas por Basílio. Dali, no consenso entre os bispos, aparecem claras disposições do trabalho realizado por São Basílio, mesmo se esse faleceu antes que o Concílio ocorresse.

Hoje, as heresias se infiltram na vida cotidiana com grande facilidade, ainda mais por ter seu nome caído em desuso. Em nome da tolerância, falam-se e escutam-se disparates contra a fé sem fundamentos. Além disso, confusões podem ser vistas também ao interno da própria Igreja. Nas orações cotidianas escuta-se breves citações ao Espírito, além de muitas tentativas frustradas de explicá-lo. Nesse contexto, surgem grupos que, esperando recuperar esse possível esquecimento, extrapolam, chegando a propor aos batizados católicos um novo batismo “no espírito”. Voltar as fontes do Cristianismo, aos tesouros dos primeiros séculos, é fundamental para manter a Igreja nos caminhos inspirados pelo próprio Espírito Santo.

2. VIDA E OBRA DE SÃO BASÍLIO

2.1 Contexto histórico

Basílio Magno é um dos grandes pilares da Igreja do século IV. Seu período de vida veio após perseguições e decorrentes martírios, quando os cristãos encontram trégua diante da chamada “guinada constantiniana”, que influenciou a vida e a literatura da Igreja. A partir daí, o Cristianismo pode desenvolver-se com segurança, passando a se integrar como parte importante do Império Romano e de sua cultura. No entanto, terá comprometida a sua liberdade devido às constantes interferências do poder temporal. Sem os grandes riscos das perseguições, um número sempre maior de pessoas cultas buscava o batismo, aumentando o número das comunidades episcopais. Assim, é ordenado maior número de bispos, com boa formação, oferecendo a esse período uma literatura valiosa para a história do cristianismo, conhecida como Patrística.

As obras escritas entre os séculos IV e V são numerosas e serviram como bússola para guiar os cristãos frente a inúmeras dúvidas e contestações, por isso este período é chamado como “apogeu” ou ainda a “idade de ouro” da Patrística. Foi por isso, um período de grandes construções e produções para a fé cristã. Desse modo, os contextos políticos, eclesiásticos e teológicos foram de suma valia para as construções dos autores Patrísticos e não podem ser separados de suas obras. Dessa forma, aprofundar tais contextos é útil para compreender as obras de Basílio Magno, dentre elas seu Tratado Sobre o Espírito Santo.

2.1.1 Contexto Político

Quando se fala em contexto político, neste período se fixa o olhar sobre os imperadores romanos, desde Constantino Magno (306/ 324-337), até o último soberano único de todo o império, Teodósio Magno (379/ 388-389), imperadores que marcam o período de um Império Romano Unido. O imperador simbolizava não apenas o soberano que garantia a unidade e a prosperidade, mas o sacerdote, ou mesmo o deus na terra”. Todos os imperadores não teriam tido importância para a história da Igreja, se a religiosidade não fosse parte integrante do Império Romano. Para os romanos, os deuses faziam o Império prosperar, protegendo-o em suas batalhas e, com a vitória, aumentando o seu domínio. Assim, quando Constantino abraçou o cristianismo (312), ele abandonou os antigos

deuses, mas não a ideia do Império. O Imperador apenas substituiu os deuses gregos, pelo Deus cristão, acreditando que esse é mais poderoso que aqueles.

Na luta contra Maxêncio, Constantino já havia trocado seu deus e a vitória obtida lhe pareceu uma confirmação da força do Deus cristão. Da mesma forma, contra Licínio em 324 sua vitória serviu como confirmação que o Deus cristão iria garantir a existência e o bem-estar do Império. Constantino conquistou a soberania isolada, depois disso, seu objetivo foi proteger o único Império sob um soberano único, com uma única fé em um único Deus, fazendo a Igreja florescer internamente com segurança e de maneira uniforme.

A rebelião em torno de Ário¹ colocava em risco a unidade da Igreja e do Império. Percebendo isso, Constantino procurou resolver o conflito convocando o Concílio de Niceia (325) onde surge a solução da questão através do conceito de “*homoousios*”². Sem, contudo, pôr fim aos debates e divisões provocadas pelos arianos, Constantino veio a falecer em 22 de maio de 337, sem resolver as disputas.

Após sua morte, deixou seu Império para três filhos (Constantino II, Constâncio II e Constante) e um sobrinho (Flávio Dalmácio), vindo a dividí-lo em quatro co-regências, causando grandes disputas entre eles. Ainda no mesmo ano da morte de seu tio, Flávio Dalmácio perdeu o poder e a vida, deixando sua região para Constâncio II e Constante. Três anos mais tarde, também Constantino II perdeu a vida, em uma disputa com seu irmão Constante, de modo que passou a existir apenas dois imperadores. Às disputas pelo poder, somaram-se às divergências religiosas. Constante aderiu ao Concílio de Niceia, já seu irmão Constâncio II aos arianos moderados.

Em 353, Constâncio II conseguiu vencer duas batalhas decisivas, reunindo o Império Romano novamente nas mãos de um único soberano. As reações contra os adeptos do Concílio de Niceia foram imediatas, pois o imperador buscava uma confissão de fé única, exilando aqueles que eram contrários ao arianismo, como Atanásio. Por volta de 360, Constâncio II estava próximo de atingir a conquista de seu pai, unificar a profissão de fé em seu Império, no entanto, foi impedido em razão de sua morte. Juliano, o pagão que marchava contra Constâncio II, assumiu o poder por pouco tempo, assim como

¹ A Doutrina de Ário se desenvolveu na afirmação de que Cristo não é eterno, mas o primeiro e mais perfeito ser criado.

² “*Homoousios*” quer dizer “igual em essência”, se referindo à semelhança na essência entre o Filho e o Pai. Drobner vai explicar o partido dos *homousianos* (nicenos): *Homousianos* eram chamados aqueles que aderiram sem restrições ao Concílio de Niceia.

Joviano, o imperador que o seguiu. Ambos governos tiveram um período curto, influenciando pouco nas diretrizes eclesiais.

Nos governos de Valentiniano (364-375) e Valente (364-378), a divisão confessional continuou. Valente adotou a linha de Constâncio, *homéia*³, e se esforçou para que essa confissão se expandisse. Nomeou bispos arianos para as sedes episcopais e se posicionou contra aqueles que aderissem a fé nicena com pressão aberta e ameaças. No entanto, em seu governo surgiram os Padres Capadócijs, fazendo da Capadócia o novo centro de resistência nicena, com a liderança de Basílio de Cesareia. Basílio resistiu frente a frente com o imperador Valente e soube, com perspicácia, permanecer em sua região administrativa através da nomeação a episcopo de seus irmãos e amigos, fiéis a ortodoxia.

O Ocidente, governado por Valentiniano, permaneceu na fé professada em Niceia. Também seu filho Graciano, como César, compartilhou do governo de seu pai e após sua morte (375) governou a Gália, a Britânia e a Espanha. Já a região do ocidente; Itália, a Récia e a África; quem assumiu foi o segundo filho de Valentiniano, Valentiniano II que se declarou pelo arianismo. Valentiniano II foi o último imperador a apoiar os arianos, e se converteu ao cristianismo por influência do Imperador no oriente Teodósio Magno (379\388-395).

2.1.2 Contexto eclesiástico e teológico

Vamos retomar o contexto histórico eclesial a partir dos quatro patriarcados: Alexandria, Antioquia, Constantinopla e Roma, conforme Drobner propõe em seu Manual de Patrologia.

³ A linha *homéia* era aquela dos homeus, linha dada por Acácio de Cesareia. O termo vem da palavra “an-hómoios”, que significa “não igual”, considerando Jesus “não semelhante” à divindade do Pai. Acácio professava a similaridade do Filho com o Pai na vontade apenas.



Mapa geográfico com os quatro patriarcados⁴

É em Alexandria que se iniciam as controvérsias do século IV, com o “cisma meliciano”, que antecedeu o arianismo. Esse cisma ocorreu devido ao desentendimento teológico e pastoral entre Pedro, patriarca de Alexandria, e o bispo Melício, da cidade de Licópolis, no Alto Egito. Pedro fugiu da perseguição, por considerar essa postura heróica para si e para seus bispos, mas Melício considerou as sedes episcopais vacantes e começou a nomear novos episcopos para ocupá-las. Por volta de 318, Ário desencadeou a conhecida “controvérsia ariana”, que trouxe grandes divisões à Igreja. Alexandre e Atanásio, os dois patriarcas que se sucederam, condenaram Ário e, após uns anos, excomungaram-no no Concílio de Niceia (325). Atanásio foi por quatro décadas o grande combatente antiariano, deixando essa tarefa para Basílio de Cesareia a partir de 370.

Em Antioquia, ocorreram também disputas no século IV. Ário, após sua condenação em Alexandria, foi para Antioquia em busca de apoio, no entanto, foi condenado também ali, em um sínodo presidido por Ósio de Córdoba (324). Neste patriarcado houve um predomínio de lideranças eusebianas⁵, afastadas da ortodoxia, acreditando ser o Cristo uma criatura abaixo de Deus. Leôncio, patriarca (344-358), voltava-se mais para o arianismo radical, ordenando Aécio diácono, aquele que irá fundar o neo-arianismo.

Antioquia assistiu uma divisão eclesial profunda, em meados do século IV. Nesse patriarcado surgiram três bispos: Acácio que representava a comunidade ariana, Melício e Paulino que eram adeptos do Concílio de Niceia. Melício havia sido deposto por Constâncio II, devido ao seu sermão antiariano. Após a morte de Constâncio II, Melício volta para Antioquia (362) para reorganizar sua

⁴ Mapa tirado no dia 30 de julho do site: <http://livresdosfardosreligiosos.blogspot.com.br/2013/03/hierarquia-religiosa-parte-ii.html>

⁵ Os eusebianos são chamados também de *homoiusianos* ou semi-arianos.

Igreja, no entanto Lúcifer de Cagliari sagrou bispo Paulino. A maioria dos bispos antiarianos, reconheciam como bispo Melécio, inclusive Basílio de Cesareia. Mas havia alguns, como Atanásio, que reconheciam Paulino. Um sínodo em Antioquia (378) reconheceu Melécio como bispo, mas a unificação com Paulino não deu certo. Ambos deixaram sucessores, o que alongou o cisma até 394.

A capital do Império, Constantinopla, na prática foi governada por episcopos arianos, mesmo com um revezamento rápido com aqueles que aderiam ao Concílio de Niceia. O primeiro bispo de Constantinopla foi Alexandre, que seguia radicalmente a fé nicena, mas morreu logo após o imperador Constantino, em 337. Paulo foi quem o sucedeu, mas foi exilado em 339 e substituído pelo ariano Euzébio de Nicomédia⁶. Euzébio foi um grande líder ariano, conseguindo em 329 a deposição de Eustácio de Antioquia, em 335 a de Atanásio e, em 336 a de Marcelo de Ancira⁷. Euzébio de Nicomédia governou até 341, ano em que faleceu, deixando o governo para Paulo, aquele a quem havia deposto. Paulo e Macedônio se revezaram várias vezes na sé episcopal de Constantinopla. Macedônio rejeitava a questão da fé na divindade do Espírito Santo, questão que Basílio de Cesareia e os capadócijs iriam abordar e defender. Também o sucessor de Macedônio, Eudóxio (360-370), seguiu a linha *homoiusiana*. Demófilo (370-380) governou durante o Império de Teodósio, este foi um imperador niceno e logo depôs Demófilo por seus ideais arianos. O capadócio, Gregório de Nazianzo, amigo de Basílio, passou pela sé de Constantinopla, mas logo abdicou, por não se achar capaz de conduzir a igreja da capital do Império. Em 381, a escolha do imperador foi por Nectário que foi sucedido por João Crisólogo.

Diferentemente dos demais patriarcados, Roma teve uma participação relativamente pequena nas controvérsias do século IV, pois os bispos de Roma seguiram a linha nicena. Destaca-se a atuação de Papa Júlio (337-352) a favor de Atanásio contra os eusebianos, promovendo um sínodo para reabilitar Atanásio e Marcelo de Ancira. No duplo sínodo de Rimini e Selêucia (359), em que o imperador promoveu uma unificação ariana forçada, Roma ficou de fora. Papa Dâmaso (366-384) completou a restauração nicena do Ocidente, junto a Ambrósio de Milão, durante o império de Valentiniano I e Teodósio. Papa Dâmaso, no entanto, não entrou em comunhão eclesiástica com o

⁶ Euzébio de Nicomédia foi quem batizou o imperador Constantino, pouco antes de sua morte. Euzébio é adepto do arianismo, mas a política de Constantino era a conciliação e unidade entre nicenos e arianos. O fato de Euzébio de Nicomédia ter batizado o imperador, fez com que ele se tornasse conhecido, aumentando o seu brilho.

⁷ Bispo de Ancira, que assegurou a inserção do *homoiusios*, negando o arianismo. No entanto, Marcelo de Ancira desenvolveu conceitos próximos aos de Sabélio, caindo no modalismo.

bispo de Antioquia Melécio, reconhecendo Paulino como legítimo, mesmo com todos os esforços de Basílio para que Melécio fosse reconhecido.

2.2 As origens, formação e Ministério de São Basílio

Basílio é o segundo filho do casal Basílio e Emélia⁸, os quais tiveram outros nove filhos. Nessa família destaca-se Macrina, irmã mais velha de Basílio; e seus dois irmãos que se tornaram bispos, Pedro de Sebaste, o mais novo, e Gregório de Nissa. Basílio é natural da Capadócia, região central do Império Bizantino, atual Turquia, sua família fazia parte da aristocracia de Cesareia. Nasceu aproximadamente no ano de 329, e foi entregue aos cuidados da avó Macrina, para a primeira educação. Mais tarde, lembrando deste período, Basílio afirmou: “Nunca mais olvidei as fortes impressões que faziam à minha alma ainda tenra as palavras e os exemplos dessa santa mulher” (Epist. 104,6 *apud* BASÍLIO, 1999, p. 10).

Seu pai era grande retórico e professor em Nova Cesareia, vinha de família rica e latifundiária, da região do Ponto, bem sucedido, empenhou-se na formação intelectual de seus filhos. Sua mãe era de família nobre da Capadócia. O avô materno de Basílio morreu mártir nas perseguições romanas. Desta forma, Basílio foi inicialmente formado nas ciências clássicas pelo próprio pai, enquanto na fé foi instruído primeiramente por sua avó Macrina, crescendo no seio de uma família cristã. Mais tarde, para defender-se da acusação de heterodoxia, afirmou: “Jamais traí a fé. Como a recebi ainda menino sobre os joelhos de minha avó Macrina, assim a prego e assim a ensinarei até o meu último alento” (*Ibidem*, p.10). Sua avó, posteriormente chamada Santa Macrina, a Velha, foi discípula do bispo de Nova Cesareia, Gregório Taumaturgo e transmitiu a Basílio os fundamentos da teologia alexandrina (de Orígenes). Porém, mesmo educado na fé, não recebeu o batismo, devido ao costume da época de adiar esse sacramento até a idade adulta.

Posteriormente, foi completar seus estudos em Cesareia, onde conheceu Gregório de Nazianzo, com quem construiu uma sólida amizade que durou toda a vida. Em seguida viajou e cursou as escolas dos mestres de Constantinopla e os de Atenas. Em Constantinopla, sabe-se que Basílio recebeu formação com o mestre Libânio, entre 346 a 350, com quem, mais tarde, se correspondeu (*epistulae* 335-359). Na Academia de Atenas recebeu aulas de grandes retóricos como Proerésio e

⁸ Não existe um consenso, há autores que, como Hauschild, afirmam que Basílio foi o primogênito.

Himério e conheceu o futuro imperador Juliano.⁹Ainda em Atenas, reencontrou Gregório de Nazianzo, aprofundando sua amizade.

Depois disso, retorna a Cesareia como retórico e se tornou logo admirável por suas capacidades intelectuais e brilhante por sua perspicácia e defesas. Envolvido pelo sucesso, dedicou-se cada vez mais à filosofia sofística. Essa ocupação dura pouco tempo, pois ocorre uma lenta mudança em sua vida. Basílio manifesta uma certa decepção com seus estudos e com a vida que levava, considerada por ele “perda de tempo”. Nesta etapa, sua irmã Macrina torna-se fundamental ao despertar nele novamente a espiritualidade transmitida por sua avó. Posteriormente será denominada Santa Macrina, e mesmo jovem, exerceu permanente influência sobre a vida de fé de seus irmãos. Mais tarde, Basílio descreve em uma de suas cartas este período:

É verdade que desperdicei muito tempo e dediquei quase toda a minha juventude ao estudo da sabedoria que Deus julgou loucura. Mas um dia acordei como de um sono profundo, concentrei o meu olhar na luz maravilhosa, que resplandece na verdade do Evangelho e entendi qual é a inutilidade da sabedoria dos grandes deste mundo, que não vai ter êxito. Então lamentei sinceramente o meu triste passado. E fiquei ansioso por receber diretrizes, que me abrissem o caminho da piedade (BASÍLIO, *apud* MEULENBERG, 1998, p.10).

Frustrado com os estudos e empolgado pelo Evangelho, Basílio conhece o movimento ascético-monástico que se espalhava por todo o Oriente, incluindo sua região. Conhece pessoalmente Eustácio de Sebaste, um asceta radical e carismático, líder do movimento monástico na Ásia Menor e em todo o vasto Império Bizantino. O rigor e a radicalidade desse movimento causaram uma forte impressão em Basílio e ele decide conhecê-lo mais a fundo. Com essa intenção, empreende uma viagem longa para o Egito, Síria, Palestina e Mesopotâmia, observando a vida ascética, na sua maioria eremítica.

O contato com a vida monástica e seus seguidores provoca uma “iluminação” em Basílio e ele escolhe aderir ao movimento monástico. Assim, volta a sua cidade, em 358, e recebe o batismo pelas mãos do bispo de Cesareia, Diânios. Neste mesmo ano, falece o pai de Basílio e esse renuncia a sua posição, vende suas posses, distribui aos necessitados, e se estabelece na solidão de Annesi, às margens do rio Íris, um lugar tranquilo e solitário. Com Basílio vai também sua mãe Emélia, seu

⁹ Imperador Juliano que governou entre 361 a 363. Logo ao assumir o poder se declarou pelos antigos deuses, sendo então chamado pelos cristãos de “apóstata”. Sua reação pagã foi um simples episódio dentro da história, devido ao curto período de seu governo.

irmão Pedro, sua irmã Macrina e mais alguns amigos, também Gregório de Nazianzo vai juntar-se a eles; todos com o objetivo de buscar uma nova forma de vida, de vivência radical do Evangelho, de oração e obras de caridade. “Durante toda a sua vida a previdência social em favor dos ‘pequenos’, sobretudo também em suas relações com autoridades, haveria de ser um de seus principais empenhos e uma de suas mais importantes áreas de atividade” (DROBNER, 2003, p.278).

Em torno de Basílio se constituiu uma pequena comunidade monástica, que se tornou modelo para outras fundações, por isso São Basílio é considerado o pai do monaquismo no Oriente, assim como São Bento é considerado o Patriarca dos monges do Ocidente. Gregório de Nazianzo descrevendo Annesi, em sua epístola 14,2, diz: “Este lugar nutre o mais agradável para mim de todos os frutos, a tranquilidade, não somente porque está distante do tumulto das cidades, mas ainda porque ele não deixa sequer passar um viajante, à exceção dos que se juntam a nós durante suas caçadas” (GREGÓRIO DE NAZIANZO *apud* BASÍLIO, 1999, p.13). É o lugar propício para a escolha radical que Basílio desejava fazer: ser discípulo do Cristo, renunciando a si mesmo, tomando sua cruz e O seguindo.

Neste período, Basílio desenvolveu seu programa ascético e compôs suas duas primeiras regras monásticas em forma de perguntas e respostas, formuladas a partir de situações concretas. Seu primeiro princípio é o de Pacômio¹⁰, colocando a Sagrada Escritura como norma exclusiva para todas as coisas. Mas, Basílio traz novidades, introduzindo novos elementos a referência cenobítica pacomiana. Conhecendo o monaquismo por dentro, em suas viagens, com suas grandezas e debilidades, percebeu a necessidade de integrar na Igreja o entusiasmo ascético superficial e de tendência cismática, de dar uma fundamentação teológica e espiritual à sua função dentro da Igreja e de organizar esse estilo de vida através das regras. O segundo princípio surge de sua busca de integração, afirmando que a Sagrada Escritura aponta o caminho da santificação para todos na vida da Igreja.

Desta forma, suas regras serão influenciadas por suas observações da vida monástica, marcadas pela comunhão com Deus e com os irmãos; pelo trabalho juntos a serviço do necessitado e uma sábia moderação e desprendimento. Basílio influenciou profundamente o movimento monástico, concretizado pela vida em comunidade, já valorizado por Pacômio. A perfeição pode ser

¹⁰ Pacômio nasceu em 292 e introduziu a vida monástica cenobítica, baseada na disciplina e na autoridade, diferentemente dos anacoretas, que viviam isolados. Pacômio, ex-soldado militar, deixou transparecer em sua regra uma estrutura semelhante ao campo militar. Basílio se inspirou na regra de Pacômio, substituiu, porém, o militarismo pela fraternidade.

alcançada dentro da vida em sociedade, separando-se das coisas mundanas. “A perfeita temperança se encontra junto da pessoa que está acima de qualquer paixão. Ela já não percebe o estímulo da cobiça ou não deixa, pelo menos, arrastar-se pelas emoções, enquanto que continua lutando corajosamente contra qualquer prazer nocivo” (BASÍLIO *apud* MEULENBERG, 1998, p.17). O regime basiliano era fortemente caracterizado pela fraternidade.

Em Annesi, a pequena comunidade monástica, movida pela penitência, passa necessidades, segundo descreve Gregório de Nazianzo: “Se esta grande e verdadeira nutriz dos pobres, quero dizer: tua mãe, se não nos tivesse rapidamente tirado de lá mostrando-se na hora oportuna propícia como um porto para aqueles que soçobram na tempestade, desde muito tempo nós seríamos apenas cadáveres” (GREGÓRIO DE NAZIANZO *apud* BASÍLIO, 1999, p.13). Tendo Basílio uma saúde fraca, esse período ascético comprometeu-a ainda mais, em suas cartas aparecem relatos de sua fragilidade. Na Carta 200, escrita quando estava já em plena atividade eclesial, diz:

Conosco as doenças sucedem às doenças, e as ocupações que provêm dos afazeres eclesiásticos, como aquelas que nos criam aqueles que procuram perturbar as igrejas, nos retiveram todo o inverno e até o momento em que escrevemos esta carta. É por isso que não foi possível nem enviar alguém, nem ir visitar tua piedade. Supomos que tal é também tua situação para o resto, não o digo pela doença (BASÍLIO *apud* *Ibid.*, p.13).

Como sugeriu Gregório, o isolamento de Basílio durou pouco tempo, pois a Igreja o chamava a ação. Os tempos eram conturbados pelas crescentes heresias que precisavam ser enfrentadas, a origem e formação de Basílio conferia-lhe aptidão para cargo de liderança e direção. Em 364 assumiu o governo Valente, de confissão *homéia*, pressionando e perseguindo àqueles que se confessavam pela fé nicena ou *homousiana*, aumentando a necessidade de líderes eclesiásticos altamente qualificados e influentes. “Por suas convicções teológicas Basílio pertencia então aos *homousianos* que se inclinavam para o Niceno, rejeitando rigorosamente a confissão *homéia* do imperador” (DROBNER, 2003, p. 279).

No ano de 360, aceitando ao convite de seu bispo Diânios de Cesareia, Basílio toma parte no Concílio regional de Constantinopla, que tratou das graves questões de fé que abalavam a Igreja, no fervor da luta ariana. Após esse Concílio, Basílio decide dedicar-se integralmente ao serviço da Igreja, à defesa da fé. Isso o distancia, em partes, de sua opção inicial pela vida ascética no isolamento em Annesi. Porém sua obra, também abrange a vida ascética, mantendo por toda a vida ligação com as comunidades que seguiam seus ensinamentos.

No ano de 365, Basílio é ordenado presbítero pelo novo bispo de Cesareia, Euzébio, com o qual haveria de se desentender por vários anos em disputas teológicas. Euzébio, durante todo o período constantiniano, atuou como bispo de Cesareia da Palestina, e também como confidente íntimo e conselheiro do imperador. A postura de Euzébio frente à disputa ariana, por vezes, pareceu controversa, pois, após excomungá-lo, posicionou-se favorável a Ário, escrevendo uma carta a Alexandre de Alexandria; refutou Marcelo de Ancira, deposto em 336 por antiarianismo, e presidiu um sínodo em Tiro, no qual Atanásio teve de se defender. Ao mesmo tempo, em Niceia, aceitou o *homousios*, embora relutante. Essas atitudes de Euzébio trouxeram dificuldades em seu relacionamento com Basílio, que, enquanto presbítero, começou de imediato a combater a política *homéia* e promover a unidade das igrejas orientais e ocidentais.

Após a morte de Eusébio de Cesareia, houve resistências fortes para a eleição de Basílio como bispo, mesmo se esse era tão querido pelo povo por sua ascese e caridade. As oposições vinham do clero e das autoridades imperiais, aqueles se opunham devido sua precária saúde, esses se opunham devido sua posição antihoméia. “Perguntou alguém: ‘Vós quereis um atleta ou um doutor da fé?’ Sucede, então Eusébio no episcopado de Cesareia, em 370. Nove anos bastaram para que fosse chamado, ainda em vida, o ‘Grande’” (BASÍLIO,1999, p.15). Torna-se sucessor no bispado que, naquele tempo, já era grande sede, com muitos bispos dependentes, ditos “sufragâneos”.

Como bispo, entrega-se de corpo e alma à defesa da fé em um período no qual o imperador Valente oferecia apoio aberto ao arianismo moderado. São Basílio e Santo Atanásio de Alexandria são dois hábeis defensores da reta fé no Oriente. Valente, na tentativa de enfraquecer Basílio, dividiu sua diocese, para deixar menos bispos sob sua influência, diminuindo seu território geográfico. Mas, Basílio age intensamente e com destemor, pregando, argumentando, escrevendo, viajando por todo o império, promovendo debates teológicos com os seguidores de Ário e com outros bispos. “Não atenuemos a verdade, nem por temor trairemos a nossa aliança” (*Ibid.*, p.118). Em resposta a divisão de sua diocese, com o intuito de aumentar os bispos ortodoxos, Basílio consagra bispo dois de seus irmãos, Gregório para a cidade de Nissa e Pedro para a cidade de Sebaste, além de seus amigos Gregório de Nazianzo para Sásima e Anfilóquio em Icônio¹¹.

Continuando a anunciar a fé nicena, Basílio entra em choque com autoridades imperiais. O prefeito local, Modesto, recebe ordens para tomar medidas contra o Bispo de Cesareia. O prefeito

¹¹ Anfilóquio foi amigo de Basílio e primo de Gregório Nazianzeno, com quem Basílio se correspondeu, deixando várias cartas e o Tratado Sobre o Espírito Santo.

Modesto chamou então o bispo para conversar. Com boas palavras, tentou induzi-lo a aceitar a heresia ariana. Como Basílio o considerou com a mesma dignidade de todo e qualquer homem de seu rebanho, o prefeito se sentiu humilhado, pois estava acostumado com regalias. Modesto então ameaçou-o gradativamente com confiscação de bens, exílio, tormentos e morte. São Gregório, que estava presente, descreve a cena:

“Se houver ainda outras penas, diga-o por favor. Nada disso me assusta”. O prefeito fica boquiaberto. “Como é? O senhor o que dizes?” “É simples”, continua Basílio, ‘a questão é simples. Uma confiscação não tem sentido, quando se trata de um homem que não possui nada. Ou será que o senhor está interessado em farrapos e uns livros? Pois isso é toda minha propriedade. O exílio? Quanto a mim, essa punição é ridícula. Não estou ligado a qualquer lugar. Nem mesmo a cidade onde moro (...). E o que significa para mim a tortura, quando até mesmo não disponho do próprio corpo? Ou será que o senhor pensa na decapitação? A morte é para mim um benefício. Pois deste modo vou chegar mais rapidamente junto de Deus, ao qual dedico a minha vida, também pelo desempenho dos meus deveres como cidadão (GREGÓRIO DE NANZIANZO *apud* MEULENBERG, 1998, p.27)

Além de defender a fé em termos teóricos e doutrinários, Basílio buscava colocá-la em prática continuando próximo do povo, experimentando com ele a situação de miséria. Não se contentou em pronunciar belas homilias em favor dos mais sofridos, Basílio “o Grande” agia diretamente ajudando os pequenos. Construiu um hospital, que posteriormente foi chamado “Basíliades”, com o intuito de acolher doentes, vítimas de epidemias, viajantes, estrangeiros e abandonados.

Em sua vida, Basílio foi amado pelos humildes e percebia suas necessidades. Períodos longos de seca eram comuns em sua região, dificultando a vida de quem dependia das compras diárias em mercados, ou das plantações familiares de subsistência. A separação entre pobres e ricos aumenta a cada período de seca e isso incomodava o Bispo de Cesareia. Vendo o povo necessitado, obrigado a pagar impostos, aumentando suas dificuldades, esperando o momento da morte pela fome, Basílio dedica-se também em denunciar o luxo e a avareza. Os ricos devem ter consciência que a sorte dos famintos está nas mãos deles. “Você quer gastar o seu dinheiro num banquete suntuoso? Um bom pedaço de pão enche a barriga” (BASÍLIO *apud* MEULENBERG, 1998, p. 29). Para ele o cristão que deseja ser perfeito deve vender os seus bens e, com o rendimento, ajudar as pessoas que ficam sem recursos. A radicalidade não é exigida apenas aos monges, a escolha de fé deve ser acompanhada por escolhas radicais de fraternidade.

Basílio morre em 1º de janeiro de 379, aos cinquenta anos, sem assistir ao fim dos debates teológicos, aos quais suas reflexões foram fundamentais. Não alcançou “a terra prometida” em vida, não experimentou a vitória sobre os arianos e os *homois*, mas em tudo contribuiu para que seu fim fosse atingido. O povo acompanhou seu funeral e se despediu de seu pastor e pai. Dez anos de episcopado foi suficiente para torná-lo um bispo incomparável.



Mapa das cidades onde Basílio passou¹²

2.3 Os escritos de São Basílio

Ao mesmo tempo em que foi um grande pastor, acolheu o povo e fez-se próximo, alimentou uma intensa espiritualidade, Basílio foi também um grande literário. Deixou ao cristianismo um legado rico de cartas, sermões e tratados teológicos, ascéticos, pedagógicos e litúrgicos, são obras quase sempre voltadas para a vida prática da Igreja. Seus escritos são reflexos de sua excelente formação intelectual e espiritual, que revelam aos leitores traços de sua personalidade e vida. Sua obra é uma fonte preciosa de doutrina, espiritualidade e prática da fé posta à disposição da Igreja de todos os tempos.

2.3.1 Cartas

Basílio escreve inúmeras cartas, das quais se conservaram aproximadamente 360, sendo suas correspondências uma das mais consideráveis da antiguidade cristã. Através dessas, pode-se conhecer melhor a vida cotidiana da Igreja Oriental do século IV, sua história, organização das dioceses e a disciplina eclesiástica daquele tempo. Os temas de abordagem de Basílio são variados, passando por

¹² Mapa tirado do livro: MEULENBERG Leonardo; *Basílio Magno, Fé e Cultura*; Ed Vozes

questões sociais, situação de exploração em que o povo vivia, recomendações, consolações, orientações para a vida monástica e para a vida dos leigos, problemas morais, ascéticos, dogmáticos, litúrgicos, históricos.

Pelas cartas, pode-se ter um maior conhecimento do autor, por revelar seus sentimentos de amizade, de equilíbrio, a força de seu caráter e a sensibilidade do pastor atento às necessidades de seu povo. Tendo escolhido a vida monástica, não fugiu às responsabilidades eclesiais da ação para servir a Igreja. Corajoso em suas defensivas e flexível. Homem de diálogo e de reconciliação, desde que não se colocasse em risco a ortodoxia. Basílio escreve em sua carta 223,2: “Li o evangelho e reparei que o grande meio de alcançar a perfeição é vender os bens, distribuir a renda com os irmãos indigentes e se desprender completamente dos cuidados deste mundo. E desejava encontrar algum irmão para que pudesse com ele atravessar as águas profundas e agitadas da nossa vida” (BASÍLIO *apud* MEULENBERG, 1998, p.10).

2.3.2 Homilias

Basílio deixou vários de seus sermões por escrito. Era dotado do dom da palavra e excelente oratória. Algumas de suas homilias se destacam, como “*Hexámeron*”, um conjunto de nove homilias sobre a criação, em forma de comentários filosófico-teológicos sobre os primeiros capítulos de Gênesis.

A homilia “Sobre os Salmos”, um conjunto de quinze homilias sobre diversos salmos, também se destaca em suas obras. Basílio valorizava o livro dos salmos colocando-o como o mais importante entre os livros do Antigo Testamento. Os salmos servem tanto para ensinar, porque neles estão contidos profundos ensinamentos de caráter moral, como também são formas de oração, em sua diversidade.

Há ainda outras homilias sobre diversos temas particulares, mártires, penitência, formação dos jovens, entre outros. No entanto, por sua adesão às dificuldades dos mais necessitados, Basílio discorre várias vezes sobre a pobreza, colocando-a como fruto da injustiça, da ganância e da avareza dos ambiciosos. Abaixo, Basílio diz em sua homilia do Evangelho segundo Lucas:

De que modo te porei sobre os olhos os sofrimentos do pobre, para que te convenças com quantos gemidos acumulas riquezas? Como te aparecerá justa, no dia do juízo, essa bela frase: “Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino preparado para vós desde a criação do mundo: porque tive fome e me deste de comer, tive sede e me destes de beber, estava nu e me

vestistes” (Mt 25, 34-36). Quanto terror para ti, quanto suor! Quais trevas te envolverão, se ouvires a condenação: “Afastai-vos de mim malditos, nas trevas exteriores, preparadas para o diabo e para os seus anjos: porque tive fome e não me destes de comer, tive sede e não me destes de beber, estive nu e não me vestistes”(Mt 25, 41-42.30). Naquele momento não é julgado o ladrão, mas é condenado o egoísta. (BASÍLIO, 1999, p.37)

2.3.3 Tratados

Os tratados teológico-dogmáticos estão voltados contra os arianos e os pneumatômacos¹³. Seus dois principais Tratados dogmáticos são: “Contra Eunômio” e “Sobre o Espírito Santo”.

Entre 363-365, compôs o tratado contra Eunômio. Eunômio nasceu na Capadócia por volta de 335 e tornou-se líder dos arianos e seguidor da teologia anoméia. Os anomeus são chamados assim porque defendiam a total dessemelhança entre Pai, Filho e Espírito Santo. O Pai, sendo por natureza não gerado, não pode ser consubstancial a ninguém; logo, aquele que é gerado, não pode ser Deus. Assim, o Filho, por ser gerado, não é semelhante ao Pai, portanto não pode ser Deus. Os anomeus afirmavam ainda que o Espírito é a primeira criatura do Filho, sendo por isso inferior ao Filho e submisso a ele. Eunômio representava o arianismo radical, para quem só o Pai é Deus, reduzindo o Filho à criatura. A obra de Eunômio se destacou por ser muito convincente e por isso perigosa, levando Basílio a dar uma cuidadosa resposta às questões levantadas.

Basílio contestará em seu tratado todo o pensamento da linha anoméia, em três livros¹⁴. Cada livro trata de uma pessoa da Santíssima Trindade, utilizando como método passar minuciosamente o texto de Eunômio, citando literalmente suas ideias principais e refutando-as. Nesse período, toda a igreja da Capadócia estava mergulhada no arianismo, devido ao impulso do imperador Valente.

Se se quer aceitar o que é verdade, isto é, que o gerado e o ingênito são propriedades distintas consideradas na substância, que conduzem como pela mão à noção clara e sem confusão de Pai e Filho, então se escapará do perigo da impiedade e se guardará a coerência nos raciocínios. Pois as propriedades, como características e formas consideradas na substância, fazem uma distinção entre o que é comum graças às características que as particularizam, mas não rompem o que há de comum na essência. Por exemplo, a divindade é comum, mas a paternidade e a filiação são propriedades. E da combinação dos dois elementos, o comum e o próprio, opera-se em nós a compreensão da

¹³ Pneumatômacos é a definição dada por Santo Atanásio àqueles que agiam como “inimigos do Espírito”. Os “inimigos” são cristãos que, reconhecendo a divindade do Filho, negam a divindade do Espírito Santo. Movimento que surgiu na Ásia e no Egito, em torno da metade do século IV. (citar fonte)

¹⁴ Basílio escreveu três livros “Contra Eucômio”, posteriormente apareceram os livros IV e V que são considerados apócrifos.

verdade. Assim, quando ouvimos falar da luz ingênita pensamos no Pai, e se ouvimos falar de uma luz gerada compreendemos a noção do Filho. Enquanto luz e luz, não há entre eles nenhuma oposição, enquanto gerado e ingênito, são considerados em contraposição. Tal é, com efeito, a natureza da propriedade, a de mostrar a alteridade na identidade da essência (BASÍLIO *apud* LADARIA, 2005, p. 220).

Ajudado pelos pensamentos de Atanásio de Alexandria e apoiado pelo bispo de Roma, Basílio defende neste tratado a igualdade perfeita do Filho e do Espírito Santo com o Pai. Basílio apresenta nesta obra uma defesa da doutrina do Concílio de Niceia, afirmando a igualdade de natureza entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. No livro I, o autor apresenta as más intenções de Eunômio e afirma que Pai e Filho são coeternos, destacando a contradição de Eunômio ao afirmar que o Filho foi criado, mas ao mesmo tempo gerado “antes de todos os tempos”. No livro II, Basílio mostra o absurdo que consiste em acreditar no caráter meramente criatural do Filho. O livro III aponta as diferenças entre as três pessoas divinas no plano da sequência e da honra, mas uma igualdade de substância. Desta forma, Basílio combate também o “sabelianismo¹⁵”, outra heresia da época, que afirmava que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são “modos”, “aspectos” ou “faces” do mesmo Deus, e não pessoas distintas.

Já no Tratado Sobre o Espírito Santo, Basílio afirma a divindade do Espírito Santo e sua igual natureza ao Pai e ao Filho. Esse Tratado será aprofundado no próximo capítulo. Os tratados ascéticos estão voltados para a vida monástica, nos quais vem fixadas as normas da conduta dos monges. Ao todo, são treze tratados atribuídos a Basílio. Fazem parte dessa categoria as obras: “Sobre o Juízo”, “Sobre a fé”, “Sobre o Batismo”, “Ética”, “Grande Asketikon” e “Pequeno Asketikon”. Essas duas últimas são as chamadas “Regras Monásticas de São Basílio¹⁶” e se tornaram o manual fundamental para o movimento monástico, de caráter comunitário, que vigora no Oriente.

A exegese de Basílio não é sistematizada em tratados, mas encontra-se em suas homilias e sermões com objetivos pastorais. Sua exegese é marcada pela literalidade e suas homilias são determinadas pelos textos da Escritura.

¹⁵ O “sabelianismo” é um termo utilizado para se referir àqueles que seguiam a doutrina de Sabélio. Sua doutrina ficou conhecida também como “modalismo”, afirmando que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são modos de um mesmo Deus se manifestar na história. Foi excomungado pelo Papa Calixto I em 220.

¹⁶ São Basílio, conforme escrito acima (Cf. 2.2), é considerado o Pai do Monaquismo Oriental.

2.3.4 Obra pedagógica

Basílio escreve ainda uma obra pedagógica, esclarecendo o problema da relação que os cristãos devem ter com a literatura clássica pagã: *Exortação aos jovens a respeito do modo de tirar proveito das letras helênicas*. Nesta obra, Basílio explica como a filosofia e a metodologia atenienses podem conduzir o homem a uma atitude que se avizinha do ascetismo cristão. Os jovens, fazendo uma boa seleção e discernindo bem, podem tirar bom proveito da leitura dos clássicos greco-romanos. Esse tratado indica tanto o perigo que os estudos filosóficos podem trazer ao cristão quanto o grande proveito que se pode tirar dele. Basílio dizia: “Devemos imitar as abelhas: sugar o mel e deixar o veneno” (BASÍLIO, *apud* Apresentação feita pela Paulus da edição do Tratado do Espírito Santo de São Basílio, 1999, p.15). Nisso, Basílio pretende explicar que certas obras de autores pagãos são boas e podem ajudar na formação moral do jovem cristão.

2.3.4 Liturgia

Ciente de que a Liturgia é o cume ao qual a atividade da Igreja e ao mesmo tempo fonte de onde vem toda a sua força, Basílio foi um reformador litúrgico. A Igreja bizantina celebra, em determinadas datas do ano, uma Liturgia eucarística com o título “Divina Liturgia de São Basílio Magno”. É claro que a suposta autoria de Basílio se refere apenas ao núcleo central da Liturgia, a anáfora. Outras partes foram acrescentadas, como fruto de uma longa evolução litúrgica. Nessa oração Eucarística Basílio deu uma ordem fundamental à oração e salmodia. Graças a Basílio o povo conheceu melhor os salmos e ia rezá-los inclusive à noite.

3. PNEUMATOLOGIA DE SÃO BASÍLIO

3.1 Origem e ocasião do Tratado “Sobre o Espírito Santo”

As primeiras controvérsias surgiram em torno da divindade do Filho, na tentativa de responder questões Cristológicas, como: o Filho é Deus como o Pai? Tem a natureza divina ou a natureza humana? Para resolver esses impasses realizou-se o Concílio de Niceia no ano de 325, que promulgou a condenação do arianismo. Mesmo com as definições do Concílio e com o exílio daqueles que não aderiam a confissão nicena, o arianismo crescia e se desenvolvia conquistando adeptos. Até então, não se questionava a divindade do Espírito Santo, pois os ânimos estavam voltados ao Filho.

Em meados do século IV, quando começava-se a firmar a Cristologia com definições mais sistematizadas, nascem também as dúvidas: tudo o que se diz de Cristo é válido para o Espírito? O Espírito Santo também é Deus, como o Filho? Se o Espírito Santo não é gerado, como o Filho, então, será ele criado? Perguntas que nascem em um período de grande escassez de obras sobre o Espírito Santo.

Até mesmo o Concílio de Niceia não deixou clara a divindade do Espírito Santo, proclamando a fé na encarnação, na vida, no anúncio, na ressurreição de Cristo, mas quanto ao Espírito se deteve na simples citação da fé “no Espírito Santo”, como se observa no quadro abaixo. Esse fato demonstra duas realidades: primeiramente, os ânimos nicenos estavam voltados ao combate do arianismo e as heresias cristológicas. Uma outra realidade é a dificuldade para afirmar a consubstancialidade do Espírito com o Pai e com o Filho.

Credo Niceno (325)	
Καὶ εἰς τὸ ἅγιον πνεῦμα.	E no Espírito Santo.
Τοὺς δὲ λέγοντας· ἦν ποτε ὅτε οὐκ ἦν, καὶ πρὶν γεννηθῆναι οὐκ ἦν, καὶ ὅτι ἐξ οὐκ ὄντων ἐγένετο, ἢ ἐξ ἑτέρας ὑποστάσεως ἢ οὐσίας φάσκοντας εἶναι,	E quem quer que diga que houve um tempo em que o Filho de Deus não existia, ou que antes que fosse gerado ele não existia, ou que ele foi criado daquilo que não existia, ou que ele é de uma substância ou

<p>ἢ κτιστόν ἢ τρεπτόν ἢ ἀλλοιωτόν τὸν υἱὸν τοῦ θεοῦ, ἀναθεματίζει ἡ καθολικὴ ἐκκλησία.</p>	<p>essência diferente (do Pai), ou que ele é uma criatura, ou sujeito à mudança ou transformação, todos os que falem assim, são anatematizados pela Igreja Católica.</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

As perguntas pneumatológicas originaram três tendências heréticas, e segundo Sesboué, essas três irão gerar outras frentes heréticas contra o Espírito Santo. A origem tríplice é:

A primeira provém da Ásia Menor, do arianismo radical de Aécio e Eunômio, arianos de segunda geração chamados anomeus. Basílio escreveu contra Eunômio um tratado já citado anteriormente. Aquilo que repercutiu desse grupo nas heresias pneumatistas foi pensar que assim como o Filho é a primeira criatura do Pai, o Espírito Santo é a primeira criatura do Filho, sendo por isso inferior ao Filho e submisso a ele. Assim, Eunômio estabelece uma hierarquia dentro da Trindade, colocando o Filho submetido ao Pai e o Espírito submetido ao Filho. Esta é a primeira heresia que Basílio combate em seu Tratado Sobre o Espírito Santo.

Sendo a primeira tendência muito radical, surgiu em Constantinopla, a divisão de um grupo mais moderado conhecido como semi-arianos, macedonianos¹⁷ ou *homoiousianos*. Esse grupo considerava o Filho consubstancial ao Pai, reconhecendo sua divindade, seguindo o Concílio de Niceia; no entanto rebaixavam o Espírito Santo à criatura. Afirmam que tudo foi criado pelo Verbo, incluindo o Espírito Santo e sendo criado não pode ser Deus. Rematam essa ideia afirmando que o Espírito tem uma natureza inferior ao Pai e ao Filho.

Os trópicos representam a terceira tendência daqueles que atacam o Espírito Santo, inspirados no arianismo. São cristãos de Thmuis no Egito, que não aceitam a divindade do Espírito Santo, mesmo considerando o credo de Niceia. Por esse motivo são moderados, como os semi-arianos. Os trópicos são ortodoxos em relação ao Filho, mas a sua compreensão de consubstancial gera a heresia contra o Espírito. Para eles, ser consubstancial requer a geração, ou seja, para o filho ser consubstancial é necessário que ele tenha sido gerado pelo Pai. Não sendo o Espírito gerado, então ele não pode ser consubstancial, nem participar da divindade. Serão esses que vão provocar as respostas dadas por Atanásio.

¹⁷ Macedônio foi Bispo de Constantinopla, sucedendo Euzébio de Nicomédia, no ano de 341. Macedônio foi um ariano moderado que negou a divindade do Espírito Santo.

Atanásio, bispo de Alexandria por 45 anos, deixou muitas obras escritas, entre elas se encontram quatro cartas, dirigida a Serapião¹⁸, datadas entre os anos de 356 e 361, nas quais se encontra a primeira menção de um debate sobre o Espírito Santo. Estas cartas são uma resposta ao seu amigo e confidente Serapião de Thmuis que demonstrou sua preocupação frente aos cristãos trópicos de sua cidade. Nessas cartas, Atanásio negou as afirmações dos macedônios, ao confirmar que era necessário reconhecer também a consubstancialidade do Espírito Santo com o Pai e com o Filho.

Atanásio chama os cristãos combatentes da divindade do Espírito de pneumatômacos, “inimigos do Espírito”. Ele cria esse termo para defini-los como aqueles que combatem o Espírito Santo. Atanásio foi o único a explicitar a divindade do Espírito até o tratado de Basílio.

Assim, pois, se o Filho, por causa de sua condição em relação ao Pai (...) não é uma criatura, mas é consubstancial ao Pai, de igual modo o Espírito Santo tampouco pode ser uma criatura (...) por causa de sua condição em relação ao Filho e porque é do (Filho) que ele é dado a todos e porque o que ele tem pertence ao Filho (ATANÁSIO *apud* SESBOÜÉ, 2002, p 231).

O Bispo de Cesareia já havia entendido as graves consequências de interpretações diferentes da revelação de Cristo. Tendo incentivado dentro da vida monástica uma comunhão intensa entre os irmãos, para Basílio as divisões eram particularmente sofridas. Basílio compara a Igreja a um pano velho, prestes a rasgar, por tantas controvérsias, e acrescenta que não dá para recuperar um pano velho rasgado. Evitou ao máximo fazer declarações públicas a respeito da divindade do Espírito Santo, sendo criticado por sua prudência. Foi acusado de expor a fé de maneira confusa, e de disfarçar a verdade com o seu silêncio. Diante das calúnias contra Basílio, Atanásio reage declarando-o como a honra da Igreja.

Era preciso enfrentar as novas discussões em torno da divindade do Espírito Santo, mesmo se os riscos de divisões eram altos. As perguntas e questionamentos sobre a divindade do Espírito Santo surgiam de muitos lados em meados do século IV, atingindo primeiramente o Patriarcado de Alexandria e se expandindo para Constantinopla, onde encontrou os Três Capadóciolos. Em meio a tantas tentativas errôneas de explicar a presença do Espírito na Trindade, e frente a discrição e

¹⁸ Serapião foi Bispo de Thmuis, cidade do delta do Nilo, entre os anos 340 a 356. Primeiramente esteve na Escola Catequética de Alexandria, depois se tornou monge na escola de Santo Antão, abade. Ordenado bispo, deixou o mosteiro. Foi seguidor e amigo de Santo Atanásio, fiel companheiro na luta contra o arianismo.

prudência de Basílio, Anfilóquio de Icônio pede ao amigo explicações e elas serão dadas em seu Tratado Sobre o Espírito Santo.

Considero muito louvável teu empenho em aprender e tua aplicação ao trabalho. Causa-me extraordinário prazer não deixar tua mente firme e sóbria de ponderar palavra alguma das utilizadas nas exposições sobre Deus, caro amigo, querido entre todos, meu irmão Anfilóquio. Entendestes bem a exortação do Senhor: “Todo o que pede, recebe; o que busca, acha” (Lc11,10). Tendo em vista a justeza de teu pedido, mesmo com o mais hesitante, a meu ver, poderias iniciar uma discussão (BASÍLIO, 1999, p.89).

Como foi dito acima, Basílio escreve dois grandes Tratados dogmáticos, um “Contra Eunômio” e outro “Sobre o Espírito Santo”. Esse último nasceu, portanto, por fomentação de Anfilóquio, nos últimos meses de 374 ou no ano de 375. É uma obra própria ao Espírito Santo, com o objetivo de esclarecer o bispo de Icônio sobre a doxologia “com o Espírito”, em razão das graves críticas e acusações levantadas pelos adversários de Basílio. Em sua carta 231, Basílio dirige-se a Anfilóquio para esclarecer que o livro (referindo-se ao Tratado sobre o Espírito Santo) já estava pronto e que em breve o enviaria, sendo essa carta datada de 375. Nesses anos, as discussões e controvérsias se deslocaram do Filho para o Espírito Santo, arrastando muitos cristãos para as heresias.

Em uma carta a Atanásio, Basílio confidenciou sua tristeza ao ver a situação da Igreja naquele período: “Toda a Igreja se dissolve, como numerosos navios em alto-mar vagando a esmo, batendo-se uns contra os outros sob a violência das ondas. (...)Onde encontrar um piloto à altura da situação, que seja assaz digno de fé para despertar o Senhor, a fim de que ele ordene aos ventos e ao mar?” (Epist.82 *apud* BASÍLIO, 1999, p. 82). O período em que escreveu esse tratado não era favorável, marcado por perseguições por parte dos homeus e arianos, vendo o povo em uma situação de miséria e exploração, os bispos fiéis a Niceia sendo exilados, Basílio expressa sua angústia. Percebe-se no tratado uma linguagem que busca aproveitar-se da fraqueza da posição adversária para destruí-la, reflexo de um contexto de lutas e oposições.

Uma outra tristeza enfrentada pelo autor foi ver seu velho amigo, grande asceta e bispo de Sebástia, Eustácio, tornar-se o inspirador do movimento pneumatômaco, movimento extremamente radical. Basílio lamenta essa atitude de Eustácio em sua epístola 123,5, no entanto sabe que Eustácio não suportou as perseguições de sua época e tomou posição contra as decisões de Niceia.

Por um lado, os pneumatômacos acreditavam que o Espírito Santo, não vem “*com*” o Pai e o Filho, mas subenumerado em terceiro lugar na invocação batismal, após o Pai e o Filho. Negavam a

possibilidade de glorificar o Espírito Santo “*com*” o Pai e com o Filho. A partir disso, afirmavam que ele é inferior ao Pai e ao Filho e não devia ser honrado como Deus. Poderia-se glorificar o Espírito após dar glória ao Pai e ao Filho, mas não junto desses. Por outro lado, o bispo de Constantinopla, Macedônio, para defender a unidade de Deus acreditava que o Espírito fosse apenas um ministro de Deus, subordinado a Ele e não aceitava a divindade do Espírito Santo. Os macedônios afirmaram que o Espírito não passava de uma criatura do Filho. Serão essas as principais controvérsias que Basílio contesta em seu tratado.

Em pleno mar, agitado por tantos ventos contrários, Basílio encontra ainda uma outra dificuldade ao interno da Igreja: a linguagem associada à cultura. Foi um período complexo para as definições da fé, pois as palavras substância, natureza, pessoa, permaneciam à mercê de várias interpretações. Os erros suscitavam novas heresias que se proliferavam. O desejo dos Padres da Igreja era evitar a interpretação da dupla divindade gerada (o Filho e o Espírito) ou a duplicidade de paternidade (O Pai gerou o Filho e o Filho gerou o Espírito). Assim, dois termos são fundamentais para o bispo de Cesareia: *Ousía* e *hypóstasis*.

3.2 Ousía e hypóstasis

3.2.1 Definição de Basílio

Basílio, em uma carta a seu irmão Gregório de Nissa, definiu os termos *ousía* e *hypóstasis* da seguinte forma: a *ousía* é aquilo que aos indivíduos têm em comum da mesma espécie, o que todos possuem igualmente e que faz com que lhes seja atribuído o mesmo vocábulo, sem diferenciar a nenhum de modo particular. No entanto, essa *ousía* não pode existir realmente senão na condição de ser completada pelos caracteres individualizantes que a determinam (*Epist.* 38,1-3). Basílio descreverá melhor esses termos em uma de suas cartas a Anfilóquio:

Entre *ousía* e *hypóstasis*, há a mesma diferença que existe naquilo que é comum em relação ao que é individual, por exemplo, o animal em relação a tal homem. Por esta razão, a propósito da deidade, confessa-se, de uma parte, uma *ousía* única: assim não se presta conta diferentemente da essência; e, de outra parte, uma *hypóstasis* particularizada: com a finalidade de tornar sem mistura para nós e inteiramente límpida a noção de Pai e de Filho e de Espírito Santo. Porque, se não se consideram as características distintivas de cada um deles, tais como a paternidade e filiação e santificação, mas, a partir da noção

comum da essência, se confessava Deus, se tornaria incapaz de dar conta corretamente da fé. É preciso, pois, juntando o caráter próprio de cada um ao que é comum, confessar-se assim a fé: comum deidade, própria a paternidade. Então, reunindo-os, que se diga: Eu creio em Deus Pai. De novo, na confissão do Filho, que se faça o mesmo, ao comum juntando o próprio, e que se diga: em Deus Filho. E semelhante para o Espírito Santo, dando ao enunciado uma forma que respeita a ordem da expressão, que se diga: eu creio também no divino Espírito Santo. Assim se salvará totalmente a unidade na confissão da única deidade e se confessará o caráter próprio das *prósopa* na distinção das propriedades conhecidas para cada um. Quanto àqueles que dizem ousía e hypóstasis são a mesma coisa, se encontram na obrigação de confessar somente as *prósopa*, e na sua recusa de dizer: três *hypostaseis*, possam por não evitar o erro de Sabélio (BASÍLIO *apud*, p. 85).

As controvérsias de seu tempo levaram Basílio a aprofundar os termos *ousía* e *hypóstasis*. A *hypóstasis* une a *ousía* e o *prósopon*. Para ele, o *prósopon* seria o aspecto externo sob o qual aparece a *hypóstasis* característica do ser, o rosto que ele tem. Adquiriu um falso sentido quando, já naquela época, os latinos traduziram “*prósopon*” por “*persona*”. No livro sobre o Espírito Santo, Basílio afirma que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três *hypóstasis*, cuja estrutura formal é a *ousía* e cujo rosto, cujo aspecto distintivo, é o *prósopon*. Assim Basílio distingue entre “essência” (*ousía*) e existência individual (*hypóstasis*) e conclui que as três *hypóstasis* são iguais na essência e distintas como individualidade. Assim, em Deus, o comum é a *ousía*, e o particular, individualizante, é a *hypóstasis*.

3.2.2 Definições comuns da época

Os padres de Niceia declararam que Jesus é a manifestação do Filho, tendo “igual essência” ao Pai, utilizando a expressão “mesma *hypóstasis*”. No entanto, aos poucos, a expressão vai sendo interpretada de formas diversas, sendo utilizada cada vez mais para definir o indivíduo.

Marcelo de Ancira e seus seguidores irão entender a expressão “*hypóstasis*” referindo-se ao individual, e a sua pessoa concreta eles definem como “*prósopon*”. “*Prósopon*” é o termo utilizado para máscaras de atores teatrais, causando uma impressão que o Filho foi somente uma figura de Deus, uma forma de apresentar-se.

Na cultura do ocidente, havia-se elaborado ideias e linguagens claras e simples aos latinos, diferentemente da cultura oriental, que usavam as definições gregas. Nesse caso, o entendimento

recíproco ficou extremamente difícil. No ocidente, “*hypóstasis*” é traduzida por “*substância*”, a palavra que expressa a essência de Deus. Portanto, Deus não pode ter três essências. Outra forma de interpretações diferentes é sobre a palavra “*prósopon*”, que no ocidente significa pessoa, identificando-se com “*individualidade*” e não “*máscara*”.

Destas diferentes interpretações e entendimentos, nascem conflitos internos na Igreja Oriental e entre a Igreja Oriental e Ocidental. Alguns representantes do ocidente chegaram a considerar Basílio como um rebelde, por defender terminologias tão diferentes de seu entendimento.

3.3 Tratado “Sobre o Espírito Santo”

O Tratado Sobre o Espírito Santo é uma obra na qual o autor busca explicitar de forma clara a fé da Igreja na divindade do Espírito Santo. Fé que não foi explicitada no símbolo de Niceia. Os 30 capítulos não apresentam uma estrutura sistemática, mas tratam do tema fundamental, ou seja, que ao Espírito Santo compete a mesma honra que ao Pai e ao Filho, pois é consubstancial ao Pai e ao Filho. O primeiro e o último capítulo emolduram em forma de carta todo o tratado.

Logo em seu prefácio, Basílio enaltece a postura de Anfilóquio, por perceber que suas dúvidas não são “armadilhas” para levá-lo às discussões visando a sua queda. As dúvidas de seu amigo são fundamentadas no desejo de conhecer a fé mais profundamente, para que conhecendo possa anunciá-la, como pastor. “Se até o estulto, quando interroga, passa por sábio (Pr 17,28), o que não há de merecer o ouvinte inteligente, pelo profeta assimilado ao ‘conselheiro maravilhoso’ (Is 9,5)? É justo dar-lhe todo o apoio, estimulá-lo, partilhar seu zelo, e vir em ajuda daquele que insta a irmos até o fim” (BASILIO, 1999, p.90). Assim, em um “terreno” baseado na confiança, o autor desenvolve as bases para a doutrina trinitária, começando por pequenas partículas da doxologia:

GLÓRIA AO PAI,		GLÓRIA AO PAI,
COM O FILHO,	X	PELO FILHO,
COM O ESPÍRITO SANTO		NO ESPÍRITO SANTO

Basílio utilizava ambas as formas para glorificar a Deus, causando um incômodo naqueles que já haviam escutado as controvérsias dos pneumatômacos. Como Basílio, o Grande, usa ambas doxologias, confundia a fé do povo? Elas não são contraditórias entre si? Consciente das críticas recebidas, Basílio oferece a base do pensamento herético sobre as partículas utilizadas por ele. Parecem pequenos detalhes, mas disfarçam ataques diretos a divindade do Espírito Santo. “Empenham-se por demonstrar não ser semelhante o enunciado dos nomes do Pai e do Filho e do Espírito Santo, a fim de extrair daí uma fácil demonstração da diferença das naturezas” (BASILIO, 1999, p.92).

Aécio e Eunômio utilizavam argumentos baseados em regras linguísticas com o objetivo de provar a hierarquia trinitária, submetendo o Espírito Santo ao Filho. Segundo Aécio, dos seres dessemelhantes fala-se de modo dessemelhante, assim como dos seres semelhantes, fala-se de modo semelhante. Fixam, então, a fórmula doxológica que valoriza essa distinção: Glória *ao* Pai, *pelo* Filho, *no* Espírito Santo. “Pela locução *de quem* querem assinalar o Artífice (demiurgo); com a expressão *por quem* indicam um auxiliar ou instrumento; pelo termo *em quem* determinariam tempo ou lugar” (BASILIO, 1999, p.93). Percebe-se, através de Basílio, que colocam Cristo como um instrumento, um auxílio do Pai, inferior e subordinado; e o Espírito Santo se reduz ao lugar ou tempo. Partículas simples, mas, distorcidas, podem levar muitos a confusão.

O cristão precisa estar alicerçado na Bíblia e nela se inspirar. Por isso, Basílio Magno começa seus argumentos a partir do uso dessas partículas na Escritura, concluindo que nela não há distinções hierárquicas entre Pai, Filho e Espírito. Na Escritura as partículas não são fixas, pois emprega-se ao Pai e ao Espírito a expressão *por quem*, e ao Filho e ao Espírito Santo a expressão *de quem*. Um exemplo utilizado pelo autor se encontra em São Paulo: “Tudo é *dele*, *por* ele e *para* ele” (Rm 11,36). Nessa frase do Apóstolo, é evidente que as três expressões se referem ao mesmo sujeito, visto isso, Basílio argumenta:

Pois se não concedem que as três expressões, *dele*, *por* ele e *para* ele, se aplicam ao Senhor, necessariamente terão de atribuí-las a Deus Pai. Daí resulta claramente que sua tese cairá por si. Efetivamente, seria atribuível ao Pai não somente *de quem*, mas ainda *por quem*. Se, porém, essas últimas partículas nada incluem de humilhante, como reservá-las ao Filho, assinalando inferioridade? Se, contudo, designam em geral um serviço, que eles nos respondam: De que chefe (archonte) seria servo o Deus da glória, pai de Cristo? (...) Mas, se alguém se empenha por atribuir a Deus a palavra do profeta, terá de conceder que convém a Deus a locução *de quem* e os dois termos serão igualmente dignos, porque também se aplicam a Deus. Assim

comparados, ambos se mostram de igual dignidade, uma vez que atribuídos a uma só e mesma pessoa (BASÍLIO, 1999, p.98).

São inumeráveis os trechos bíblicos que utilizam a expressão *de quem* referindo-se ao Filho, alguns desses estão exemplificados no capítulo 5 do Tratado Sobre o Espírito Santo. Inumeráveis também são os versículos bíblicos que utilizam essa mesma expressão referindo-se ao Espírito Santo, Basílio cita alguns como: “Quem semear no Espírito, *do* Espírito colherá a vida eterna” (Gl 6,8); “Nisto reconhecemos que ele permanece em nós, por causa *do* Espírito que nos deu” (I Jo, 3,24); durante o anúncio da encarnação do Verbo, o anjo diz: “Pois o que nela foi gerado vem *do* Espírito Santo” (Mt 1,20). Desta mesma forma, o Bispo de Cesareia exemplifica, baseando-se em argumentos bíblicos, o uso da partícula *por* para o Pai e para o Espírito, demonstrando que essa partícula não é exclusivamente do Filho.

Assim, também a sílaba *em* não se restringe ao Espírito, encontrando-se seu uso com sujeitos diferentes. Do Antigo Testamento, Basílio tira: “*Em* Deus nós faremos proezas” (Sl 107,14); do Novo, ele destaca: “*Em* Deus criador de todas as coisas” (Ef 3,9). Como fundamentar a inferioridade do Espírito Santo a partir de uma argumentação tão facilmente refutável? Para Basílio, isso demonstra a fraqueza argumentativa dos pneumatômacos e sua clara intensão de simplesmente atacar as verdades da fé. Ora atacando a dignidade do Filho, ora a do Espírito Santo.

A Escritura comprova que não há sentido fixar termos e partículas pensando que essas subenumeram o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Nos capítulos 6 a 8, Basílio trabalha a *homoousia*, aceita sem contestações pelos cristãos ortodoxos. “Ora, eu vos asseguro, a vós que amais a Cristo, serem usuais na Igreja as duas formas, e nem uma nem outra é rejeitada, como se elas se excluíssem mutuamente” (BASÍLIO, 1999, p.106). Ambas as formulações são legítimas, mesmo se diferentes. A distinção leva a comunidade a agradecer pela graça recebida do Pai *por meio* do Filho *no* Espírito; ao mesmo tempo, utilizando a partícula *com*, a comunidade exalta a mesma dignidade Trinitária. Valoriza-se, dessa forma, ora a distinção, ora a comunhão entre Pai, Filho e Espírito Santo.

O autor interroga-se porque utilizar o termo *por* aplicando-o a Cristo diminuiria a sua glória e dignidade, não encontrando sentido nessas afirmações, ele continua: “Por acaso, confessar que a graça em nós atua por ele seria diminuir a glória de Cristo? Ou não seria mais exato afirmar que uma enumeração de boas obras constituiria tema conveniente de louvor?” (BASÍLIO, 1999, p.107). A mediação de Cristo é motivo de maior glória ao seu nome e não, como tentam afirmar, uma inferioridade.

Após deixar clara a *homoousia*, a partir do capítulo 6 até seu último capítulo, o bispo de Cesareia fundamenta - com base na Sagrada Escritura e na fórmula batismal, bem como da participação do Espírito Santo na criação e no plano de salvação - a doutrina das três *hypóstasis* no mesmo plano, preservado o Deus único. A unidade de natureza com o Pai e o Filho justifica, portanto, que sejam atribuídos ao Espírito Santo os mesmos títulos e a mesma honra que ao Pai e ao Filho.

3.3.1 Fórmula Batismal

Basílio trabalha agora sobre a fórmula batismal. Para ele, se o próprio Cristo instituiu o batismo da salvação em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; enumerando sem distinção de dignidade, opor-se ao mandamento de Cristo é opor-se ao próprio Deus. Jesus uniu o Espírito Santo, a si e ao Pai, não cabe ao homem romper essa comunhão. Ser batizado em uma fórmula que exclui a mesma dignidade do Espírito significa um batismo não transmitido pelo Senhor. “Igual prejuízo seria partir sem batismo, ou receber um batismo falho em algo de tradicional” (BASILIO, 1999, p.118). As palavras professadas no batismo são de suma importância para o cristão, pois é através do batismo que lhe é conferida a graça da filiação adotiva.

Não se pode batizar com palavras criativas, fora daquelas orientadas pelo Senhor, pois é a celebração solene na qual o homem se torna filho de Deus. O Senhor dá uma ordem para que seus discípulos batizem em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo estabelecendo-se um comunhão inseparável, sua equiparação e igual dignidade. Refutar a igualdade significa refutar o batismo do Senhor.

Alguns entre os pneumatômacos asseguravam ser suficiente batizar em nome do Senhor, baseando-se em trechos de São Paulo, como: “Todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo” (Gl 3,27). Ou ainda: “Todos os que fostes batizados em Cristo, é na morte que fostes batizados” (Rm 6,3). Batizar em Cristo significa batizar da forma que ele instruiu, ou seja: Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Basílio desclassifica essas bases argumentativas citando trechos semelhantes, cujo sujeito é o Espírito Santo. “Todos, diz ele, fomos batizados num só Espírito para ser um só corpo” (1Cor 12,13). Esse trecho de Paulo não justifica um batismo apenas no Espírito, mas indica a plena unidade entre Pai, filho e Espírito Santo.

É importante perceber a íntima ligação entre fé e batismo. O fiel é batizado em nome de sua fé, por isso a fórmula expressa aquilo em que se crê. “Ora, a fé e o batismo são dois meios de salvação, estreitamente unidos e inseparáveis, pois se a fé se consuma no batismo, o batismo, contudo, baseia-

se na fé; ambos se realizam através dos mesmos nomes. Como acreditamos no Pai e no Filho e no Espírito Santo, assim também somos batizados em nome do Pai e do filho e do Espírito Santo” (BASILIO, 1999, p.121). Existe um elo entre a celebração do batismo e a fé expressa pela Igreja e Basílio insiste que cada cristão deve ser zeloso ao ensinamento de Cristo sobre o batismo.

3.3.2 Participação do Espírito Santo na criação e no plano de salvação

Desde sempre o Espírito é inseparável do Pai e do Filho. A partir desse entendimento, Basílio inicia seu discurso sobre a presença do Espírito na Criação e na história da Salvação, entendendo que na criação a causa “princiadora” é o Pai, a causa “demiúrgica” é o Filho e a “perfectiva” é o Espírito Santo. “De tal modo que, por vontade do Pai, principiam os espíritos ‘servidores’, por ação do Filho eles vêm a ser, e alcançam a perfeição pela presença do Espírito” (BASILIO, 1999, p.133). Com isso, Basílio não compreende que a criação do Pai e a ação do Filho são imperfeitas e por isso necessitam do Espírito. “Pois, nem o Pai necessitaria do Filho, podendo criar somente por sua própria vontade, mas quer fazê-lo por meio do Filho; nem o Filho precisaria de auxiliar para agir à semelhança do Pai, quer, contudo, perfazer por meio do Espírito” (*Ibidem*, p.121).

O Pai ordena, o Verbo que cria, o Sopro que confirma. Mas o que o autor entende por confirmar? Mesmo se a obra do Pai e do Filho não necessitam de confirmação ou aprovação, o Filho, semelhante ao Pai, quer a ação do Espírito como perfeição da santidade. Basílio conclui, a partir dessa comunhão, que fora do Espírito não há santidade.

As potências celestes não são santas por natureza. Do contrário, em nada seriam diferentes do Espírito Santo. Mas, na proporção da superioridade de uma sobre outra, recebem do Espírito Santo a medida de sua santidade. (...) Mas, a santidade, acima de sua essência, leva-os à perfeição, por comunicação do Espírito. Elas, porém, se conservam na sua dignidade, pelo fato de perseverarem no bem, porque, mantendo a livre escolha de seu prévio desígnio, jamais se apartam do verdadeiro bem. Imaginem uma supressão do Espírito. Os coros angélicos seriam desfeitos, subtrair-se-iam as precedências entre arcanjos, o conjunto todo ficaria revolucionado (*Ibidem*, p.135).

Quanto a economia da salvação, Basílio afirma a impossibilidade de contestar que toda ação de Cristo se realiza pela graça do Espírito. “Quer se pondere o passado, quer as bênçãos dos patriarcas, ou o socorro proporcionado pelo dom da Lei, ou ainda os tipos, as profecias, os valorosos feitos de guerra, os milagres operados pelos justos, ou as determinações atinentes à manifestação da

encarnação do Senhor, tudo isso se cumpriu por meio do Espírito” (*Ibidem*, p.136). São Lucas narra¹⁹ o anúncio do anjo à Maria frisando que a encarnação acontecerá por obra do Espírito. No batismo do Filho, São Lucas e São João relatam²⁰ a descida do Espírito sobre Jesus. São Mateus descreve²¹ Jesus sendo levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado por 40 dias. Após a ressurreição, São João narra²² o envio dos Apóstolos, somente após Jesus doar-lhes o Espírito Santo.

É esse Espírito recebido pelos apóstolos que paira na Igreja e em sua história: “E não constitui obra do Espírito, de maneira evidente e sem contradição, a boa organização da Igreja? Foi ele, diz o apóstolo, que deu a Igreja ‘em primeiro lugar, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, doutores...(1Cor 12,28)’” (*Ibidem*, p.137). E Basílio completa seu raciocínio afirmando que também na segunda vinda de Cristo, o Espírito Santo estará, quando o Filho vier para julgar os vivos e os mortos.

3.3.3 Co-enumeração x Subenumeração

Basílio retoma o tema da subenumeração: Pai, Filho e Espírito são todos subenumerados ou a subenumeração se restringe ao Espírito? Considerando o uso da palavra subenumerar como algo que ordena a dignidade divina, a hierarquia e o poder. Caso os pneumatômacos subenumeram Pai, Filho e Espírito, então retornam às doutrinas já condenadas pelo Concílio de Niceia, pois já está claro que a ortodoxia não considera o Filho inferior ao Pai. No entanto, que sentido haveria de restringir a subenumeração apenas ao Espírito se esse é nomeado com o Filho da mesma forma que o Filho é nomeado com o Pai? Se ambos os nomes são colocados juntos, não se pode distinguir quem é subenumerado daquele que é co-enumerado.

Ao nos fazer o Senhor a revelação do Pai e do Filho e do Espírito Santo (Mt 28,19), não os revelou com um número. De fato, não disse: no primeiro, e no segundo e no terceiro; nem em um, em dois e em três, mas através dos santos nomes concedeu-nos o conhecimento da fé que conduz a salvação. De fato, o que nos salva é a fé. O número, porém, concebe-se como um sinal que dá a conhecer a quantidade nos sujeitos (*Ibidem*, p.142).

¹⁹ Lc 1,35

²⁰ Lc 3,22 e Jo 1,33

²¹ Mt 4,1

²² Jo 20,22-23

Quanto a subenumeração, Basílio salienta a inacessibilidade de Deus, colocando-o muito acima dos termos que os seres podem atribuir-lhe em suas limitações. Ao mesmo tempo, evidencia as três *hypóstasis* de Deus, sem dar espaço para uma errônea enumeração politeísta.

Até hoje, porém, não ouvimos falar de segundo Deus, pois, adorando um: ‘Deus de Deus’, confessamos a propriedade das hipóstases e mantemos a ‘monarquia’, sem fragmentar a teologia, visto que em Deus Pai e em Deus Unigênito apenas se contempla, por assim dizer, uma forma refletida qual em espelho na imutável divindade. De fato, o Filho está no Pai e o Pai está no Filho (Jo 14,10), uma vez que este é como aquele e aquele é tal qual este, e assim são um”. (...) O Espírito Santo também é um, e também pode ser anunciado separadamente. Por meio do Filho que é um, ele se religa ao Pai, que também é um, e por si contempla a Trindade bem-aventurada, digna de todo louvor (*Ibidem*, p.143-144).

A comunhão de natureza da Trindade é comprovada ainda pelo fato do Espírito Santo provir de Deus. O Filho é gerado pelo Pai e o Espírito procede da boca de Deus. Percebe-se assim a grande intimidade das três *hypóstasis*, não podendo confundir o Espírito com criatura, pois não foi criado. Ele exprime a bondade daquele do qual procede, ao mesmo tempo exprime a sua própria bondade. “O Espírito é glorificado por estar em comunhão com o Pai e o Filho e por seu testemunho do Unigênito, nesses termos: ‘Todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens, mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada (Mt 12,31)’” (*Ibidem*, p.143).

Contra quem afirma que o Espírito não tem condição servil nem senhoril, mas é livre, Basílio afirma que os termos servil e senhoril são utilizados por uma linguagem humana, pois não há nenhum homem servo ou senhor por natureza. Os homens são reduzidos à servidão pela opressão, ou por motivos desligados de sua natureza. No entanto, esse estilo de ambição e domínio não é utilizado pelos seres celestes, pois todos se curvam igualmente diante de Deus. Contra essas refutações, Basílio cita alguns trechos bíblicos nos quais se evidencia o senhoril do Espírito Santo: “Pois o Senhor é Espírito” (2Cor 3,18); “Pela ação do Espírito que é Senhor” (2Cor 3,17).

Outra forma utilizada pelo autor para demonstrar a comunhão de natureza entre a Trindade é o simples fato de ser tão difícil contemplar o Espírito, assim como o Pai e o Filho.

Continuando suas observações sobre as pequenas partículas das doxologias trinitárias, Basílio no capítulo 25 afirma: “Efetivamente, quem declara que o Filho é *com* o Pai, assinala simultaneamente a propriedade das hipóstases e sua inseparável comunhão. Mesmo nas realidades humanas verifica-se isto. A conjunção *e* indica ação comum, enquanto a preposição *com* também marca espécie de sociedade” (BASILIO, 1999, p.161). A preposição *com* destaca a ação conjunta e

união mútua, eliminando o erro de Sabélio e também os erros pneumatológicos, pois se a ação é conjunta não se pode cair no modalismo nem pensar em uma separação temporal do Pai, Filho e Espírito Santo. A partícula *com* traz consigo o sentido de união e ação conjunta, expressando muito bem a ação de Deus, Pai e Filho e Espírito Santo. Ao mesmo tempo não anula o valor da partícula *e*, pois essa foi utilizada pelo Senhor na fórmula batismal.

Depois de clariar a utilidade das partículas *e* e *com*, Basílio volta a partícula *em*, explicitando os seus diversos significados e confirmando que em todos os sentidos, essa partícula pode ser atribuída ao Espírito, sem contudo diminuir sua dignidade. Depois compara a utilidade dos termos:

De fato, diz-se com propriedade e verdade que seres existentes inseparavelmente uns dos outros existem *com*. (...) Deste modo, onde há propriamente união natural e indissolúvel, o termo *com* é mais expressivo, por sugerir união indissolúvel. Onde, porém, a graça do Espírito pode sobrevir e depois afastar-se, emprega-se com propriedade e verdade de termos: existir *em*, mesmo se acontecer frequentemente, devido às boas disposições dos que a recebem, que a graça perdure (*Ibidem*, p.166).

Basílio destaca que a aplicação do termo *em* de forma alguma diminui a dignidade do Espírito, ao contrário é um reconhecimento da fraqueza humana e de sua inconstância. A humanidade apenas glorifica a Deus *no* Espírito, pois por si só é incapaz de fazê-lo. O autor destaca ainda a importância da Tradição na vida da Igreja, e dedica o capítulo 29 a demonstrar quantos Pais já utilizaram a partícula *com* se referindo ao Espírito.

O capítulo 29 alcançou na história da teologia uma importância particular, porque nele, pela primeira vez, Basílio utilizou o método da “prova patrística²³”. Embora desde o início, durante as disputas dogmáticas do século IV, cada vez mais a Igreja tenha apelado para o testemunho aprovado da tradição, aqui, pela primeira vez, Basílio apresenta em apoio de sua argumentação as opiniões doutrinárias de toda uma série de Padres da Igreja. Enquanto os adversários insistem em afirmar que a doxologia “*com* o Espírito” não é atestada, Basílio se fundamenta em Irineu, Clemente Romano, Dionísio de Roma, entre outros.

Quanto a mim, se for mister dar meu parecer, conservo esta expressão qual herança paterna, recebida de alguém que viveu longamente no serviço de Deus, que me batizou e me induziu a abraçar o ministério eclesiástico.²⁴ E ao procurar, de meu lado, se algum dos antigos e santos varões usou estas palavras atualmente controversas, encontro grande número, anciãos fidedignos que, pela precisão de seus conhecimentos, não se assemelham a

²³ *Argumentum patristicum*.

²⁴ Bispo Diânios de Cesareia, aquele que batizou Basílio.

nossos contemporâneos. Para unir as palavras da doxologia, uns usam a preposição, outros usam a conjunção. Ninguém julgou que eles assim estabeleciam uma diferença, ao menos no atinente à reta concepção da piedade. São eles: o ilustre Ireneu, Clemente Romano, Dionísio de Roma e Dionísio de Alexandria que (coisa paradoxal!), na segunda carta a seu homônimo, “Refutação a apologia”, assim conclui o discurso (transcrevo literalmente suas palavras): “Nós também, de acordo com todos eles, tendo recebido de nossos presbíteros o modelo e a regra, unânimes damos graças, e assim terminamos a carta que vos escrevemos. A Deus Pai e ao Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, **com o Espírito Santo** glória e poder nos séculos dos séculos. Amém” (*Ibidem*, p.177- grifo nosso).

Este método introduzido no Tratado Sobre o Espírito Santo será compartilhado por autores importantes como Agostinho e Cirilo de Alexandria (no Concílio de Éfeso, 431). Ainda hoje é utilizado com o intuito de valorizar criticamente o material histórico e dogmático.

4. CONCÍLIO DE CONSTANTINOPLA

Os sínodos realizados pela Igreja no século IV foram de suma importância para os avanços teológicos e eclesiais. Algumas vezes, eram realizados sínodos para simplesmente depor bispos, que não colocavam em prática as orientações eclesiais. Outras vezes, a partir dos sínodos eram tomadas importantes decisões, confirmando, orientando e executando as questões de fé. Nesse contexto onde ocorreram vários sínodos, ocorreram também os dois primeiros Concílios Ecumênicos de Niceia (325) e de Constantinopla (381) que constituíram as duas grandes colunas do desenvolvimento eclesial e teológico. O Concílio de Niceia opôs-se a Ário e com isso desencadeou a luta por sua recepção, que durou mais de meio século e foi confirmado em Constantinopla, décadas mais tarde.

Um protagonista do Concílio de Constantinopla foi o Imperador Teodósio que tomou posse em 19 de janeiro de 379. Em agosto do mesmo ano, o imperador estabeleceu que apenas a confissão de fé nicena seria aceita em todo o Império, no ano seguinte estabeleceu que todo o Império adotava o cristianismo de caráter niceno. Mesmo com declarações explícitas do imperador a favor da ortodoxia, devido a grande confusão de diversas heresias, as palavras já não eram suficientes. Muitas perguntas novas surgiram desde o Concílio de Niceia. Teodósio encontrou seu império extremamente dividido em sua confissão de fé, entre o neo-arianismo de Eunômio, pneumatômacos, macedonianos e várias outras questões que surgiam. Percebendo tamanha dificuldade, Teodósio convocou, no final

de 380, o sínodo de Constantinopla. Desse sínodo participaram bispos exclusivamente da Igreja do Oriente, e por sua importância, em 451, durante o Concílio de Calcedônia, foi reconhecido como Concílio Ecumênico.

O Concílio de Constantinopla (381) contou com a participação de 150 bispos, entre eles Melécio de Antioquia, como presidente, Gregório de Nazianzo, Gregório de Nissa e seu irmão Pedro de Sebaste, Cirilo de Jerusalém, Anfilóquio de Icônio e Diodoro de Tarso. Melécio faleceu antes que o Concílio se concluísse, sendo sucedido por Gregório de Nazianzo, que não resistiu às contestações e oposições. Enfim, Nectário de Constantinopla concluiu o Concílio como presidente.

4.1. O Símbolo

O símbolo “niceno-constantinopolitano” é obrigatório ainda hoje para todas as Igrejas Cristãs. Entende-se que o Concílio de Constantinopla assumiu a profissão de fé declarada em Niceia e a completou. Não foram conservadas as atas do Concílio de Constantinopla, por isso, só se tem acesso ao símbolo a partir das atas do ano 451, realizadas no Concílio de Calcedônia. Os padres conciliares formularam um símbolo novo em Constantinopla, aproveitando partes dos dois primeiros artigos feitos em Niceia e acrescentam o terceiro artigo, sobre o Espírito Santo.

Ao colocar os símbolos de Niceia e de Constantinopla em paralelo, percebe-se que nos dois primeiros artigos de fé, referentes ao Pai e ao Filho, não há diferenças significativas. Nesses artigos acontece quase uma cópia de Niceia para Constantinopla, além de algumas omissões de explicações desnecessárias. Foi feita uma nova formulação em três passagens referentes ao Cristo. Primeira, referida ao papel do Espírito Santo e de Maria na Encarnação: “O qual por nós homens e para a nossa salvação, desceu dos céus: se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez homem”. Percebe-se nessa nova formulação a influência dos escritos de Basílio, pois foi ele que explicitou a passagem do Espírito Santo na vida de Cristo, incluindo a encarnação.

A segunda formulação diversa se refere a historicidade da paixão e morte de Cristo: “Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos e padeceu e foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia conforme as Escrituras, e subiu aos céus, onde está assentado à direita do Pai”. A terceira formulação cristológica abrange a função escatológica de Cristo como Senhor e Juiz: “Ele virá novamente, em glória, para julgar os vivos e os mortos; e o Seu reino não terá fim”.

Em 381, toda a confissão de fé pneumatológica foi escrita e desenvolvida. Cada palavra muito bem refletida e colocada.

Credo Niceno (325)	Credo niceno-constantinopolitano (381)
<p>Πιστεύομεν εἰς ἕνα θεὸν πατέρα παντοκράτορα, πάντων ὁρατῶν τε καὶ ἀοράτων ποιητήν.</p> <p>Cremos em um só Deus, Pai todo-poderoso, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis.</p>	<p>Πιστεύομεν εἰς ἕνα θεὸν πατέρα παντοκράτορα, ποιητὴν οὐρανοῦ καὶ γῆς, ὁρατῶν τε πάντων καὶ ἀοράτων·</p> <p>Cremos em um só Deus, Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis.</p>
<p>Καὶ εἰς ἕνα κύριον Ἰησοῦν Χριστόν, τὸν υἱὸν τοῦ θεοῦ, γεννηθέντα ἐκ τοῦ πατρὸς μονογενῆ, τοὔτέστιν ἐκ τῆς οὐσίας τοῦ πατρὸς,</p> <p>E em um só Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, gerado unigênito do Pai, isto é, da substância do Pai;</p>	<p>καὶ εἰς ἕνα κύριον Ἰησοῦν Χριστόν, τὸν υἱὸν τοῦ θεοῦ τὸν μονογενῆ, τὸν ἐκ τοῦ Πατρὸς γεννηθέντα πρὸ πάντων τῶν αἰώνων,</p> <p>E em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho unigênito de Deus, gerado do Pai antes de todos os séculos</p>
<p>θεὸν ἐκ θεοῦ, φῶς ἐκ φωτός, θεὸν ἀληθινὸν ἐκ θεοῦ ἀληθινοῦ, γεννηθέντα, οὐ ποιηθέντα, ὁμοούσιον τῷ πατρί</p> <p>Deus de Deus, luz de luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não feito, consustancial ao Pai;</p>	<p>φῶς ἐκ φωτός, θεὸν ἀληθινὸν ἐκ θεοῦ ἀληθινοῦ, γεννηθέντα οὐ ποιηθέντα, ὁμοούσιον τῷ πατρί,</p> <p>luz de luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não feito, consustancial ao Pai,</p>

<p>δι' οὗ τὰ πάντα ἐγένετο, τὰ τε ἐν τῷ οὐρανῷ καὶ τὰ ἐν τῇ γῇ</p> <p>por quem foram feitas todas as coisas que estão no céu ou na terra.</p>	<p>δι' οὗ τὰ πάντα ἐγένετο,</p> <p>por que, foram feitas todas as coisas.</p>
<p>τὸν δι' ἡμᾶς τοὺς ἀνθρώπους καὶ διὰ τὴν ἡμετέραν σωτηρίαν κατελθόντα καὶ σαρκωθέντα καὶ ἐνανθρωπήσαντα,</p> <p>O qual por nós homens e para nossa salvação, desceu, se encarnou e se fez homem.</p>	<p>τὸν δι' ἡμᾶς τοὺς ἀνθρώπους καὶ διὰ τὴν ἡμετέραν σωτηρίαν κατελθόντα ἐκ τῶν οὐρανῶν καὶ σαρκωθέντα ἐκ πνεύματος ἁγίου καὶ Μαρίας τῆς παρθένου καὶ ἐνανθρωπήσαντα</p> <p>O qual por nós homens e para a nossa salvação, desceu dos céus: se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez homem.</p>
<p>παθόντα, καὶ ἀναστάντα τῇ τρίτῃ ἡμέρᾳ, ἀνελθόντα εἰς τοὺς οὐρανοὺς,</p> <p>Padeceu e ressuscitou ao terceiro dia e subiu aos céus</p>	<p>σταυρωθέντα τε ὑπὲρ ἡμῶν ἐπὶ Ποντίου Πιλάτου καὶ παθόντα καὶ ταφέντα καὶ ἀναστάντα τῇ τρίτῃ ἡμέρᾳ κατὰ τὰς γραφάς καὶ ἀνελθόντα εἰς τοὺς οὐρανοὺς καὶ καθεζόμενον ἐκ δεξιῶν τοῦ πατρὸς</p> <p>Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos e padeceu e foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia conforme as Escrituras, e subiu aos céus, onde está assentado à direita do Pai.</p>

<p>καὶ ἐρχόμενον κρῖναι ζῶντας καὶ νεκρούς.</p> <p>Ele virá para julgar os vivos e os mortos.</p>	<p>καὶ πάλιν ἐρχόμενον μετὰ δόξης κρῖναι ζῶντας καὶ νεκρούς.</p> <p>Ele virá novamente, em glória, para julgar os vivos e os mortos;</p>
	<p>οὗ τῆς βασιλείας οὐκ ἔσται τέλος.</p> <p>e o Seu reino não terá fim.</p>
<p>Καὶ εἰς τὸ ἅγιον πνεῦμα.</p> <p>E no Espírito Santo.</p>	<p>καὶ εἰς τὸ πνεῦμα τὸ ἅγιον, τὸ κύριον, καὶ ζωοποιόν, τὸ ἐκ τοῦ πατρὸς ἐκπορευόμενον, τὸ σὺν πατρὶ καὶ υἱῷ συμπροσκυνούμενον καὶ συνδοξαζόμενον, τὸ ἐκλαλήσαν διὰ τῶν προφητῶν·</p> <p>E no Espírito Santo, Senhor e fonte de vida, que procede do Pai; e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado: Ele falou pelos profetas.</p>
<p>Τοὺς δὲ λέγοντας· ἦν ποτε ὅτε οὐκ ἦν, καὶ πρὶν γεννηθῆναι οὐκ ἦν, καὶ ὅτι ἐξ οὐκ ὄντων ἐγένετο, ἢ ἐξ ἑτέρας ὑποστάσεως ἢ οὐσίας φάσκοντας εἶναι, ἢ κτιστόν ἢ τρεπτόν ἢ ἀλλοιωτόν τὸν υἱὸν τοῦ θεοῦ, ἀναθεματίζει ἡ καθολικὴ ἐκκλησία.</p> <p>E quem quer que diga que houve um tempo em que o Filho de Deus não existia, ou que antes que fosse gerado ele não existia, ou que ele foi criado daquilo que não existia, ou que ele é de uma</p>	<p>Εἰς μίαν ἀγίαν καθολικὴν καὶ ἀποστολικὴν ἐκκλησίαν· ὁμολογοῦμεν ἓν βάπτισμα εἰς ἄφεσιν ἁμαρτιῶν· προσδοκοῦμεν ἀνάστασιν νεκρῶν, καὶ ζωὴν τοῦ μέλλοντος αἰῶνος. ἀμήν.</p> <p>E na Igreja, una, santa, católica e apostólica. Confessamos um só batismo para remissão dos pecados. Esperamos a ressurreição dos mortos; e a vida do mundo vindouro. Amém.</p>

<p>substância ou essência diferente (do Pai), ou que ele é uma criatura, ou sujeito à mudança ou transformação, todos os que falem assim, são anatematizados pela Igreja Católica.</p>	
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

O símbolo de Constantinopla (381) desenvolveu sobretudo, a doutrina pneumatológica, da qual Atanásio e Basílio foram os grandes mestres, ao preparar as definições.

Sesboüé, citando Halleux, vai dividir a sequência sobre o Espírito Santo em cinco cláusulas que “afirmam a divindade do Espírito Santo, sua pertença à Trindade, sua processão do Pai e sua atividade salvífica” (SESBOÜÉ, 2002, pg. 239): “E no Espírito Santo, Senhor e fonte de vida, que procede do Pai; e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado: Ele falou pelos profetas”. Cada cláusula é fundamental no entendimento da fé e da situação histórica:

“...E no Espírito Santo” - é a primeira cláusula, a única retomada do Concílio de Niceia. A fé no Espírito não é inovadora, pois foi o próprio Cristo que ensinou o batismo em nome da Trindade. Deste modo, essa cláusula não traz nenhuma novidade. Apesar disso, é importante observar que o Espírito ao ser designado Santo, a Ele é referida uma propriedade devida somente a Deus, visto que somente Deus é Santo; em virtude dessa natureza divina pode ser também santificador. Basílio vai dizer: “Para ele voltam-se todos os que anseiam pela santificação, para ele se dirigem os anelos dos que vivem segundo a virtude (...). Aperfeiçoa os outros, enquanto ele mesmo de nada carece” (1999, p.115). Mesmo se aparecem nos textos bíblicos outros adjetivos – Espírito da Verdade, Espírito de Deus, Espírito reto...- seu nome próprio é Espírito Santo.

“Senhor” - É notável que também o símbolo de 381, assim como Basílio, usam de uma particular prudência, ambos não proclamam o Espírito Santo como Deus, mas falam de “Senhor”. “Embora o Espírito não seja chamado ‘Deus’ e *homousios*, essas formulações de modo algum são meios-terminos, pois as afirmações bíblicas e doxológicas são inequívocas: enquanto santo o Espírito situa-se ao lado de Deus, o criador e santificador; conseqüentemente, é com razão denominado Senhor” (HILBERATH, 2008, pg. 452). Esse termo não diminui a divindade do Espírito, pois a LXX traduziu o tetragrama YHWH por “Senhor”, referindo-se a Deus. No Novo Testamento, o título de Senhor aplica-se sobretudo ao Pai e a Jesus, utilizá-lo em referência ao Espírito Santo é o mesmo que

equipará-lo em dignidade ao Pai e ao Filho. Basílio enumera várias passagens bíblicas que justificam a utilização do termo “Senhor” para o Espírito Santo, entre elas merece destaca:

‘Que o Senhor conduza os vossos corações para o amor de Deus e a constância de Cristo nas tribulações’ (2Ts 3,5). Quem é este ‘Senhor’ que conduz ‘para o amor de Deus e a constância de Cristo nas tribulações’? Respondam-nos os que rebaixam o Espírito à condição de escravo. Se a locução se referisse ao Pai, ter-se-ia dito, absolutamente: ‘Que o Senhor vos conduza em seu amor’. Se fosse atinente ao Filho, ter-se-ia acrescentado: ‘em sua constância’. Que eles procurem, então, quem será esta outra Pessoa, digna de ser honrada com o título de Senhor (1999, p.152).

“...e fonte de vida” – O Espírito é doador de vida, é vivificador, fonte de vida e responsável por comunicá-la. Já Atanásio afirma a divindade do Espírito Santo baseando-se na afirmação de que ele é fonte de vida e não receptor da vida, não sendo por isso uma criatura. As criaturas recebem a vida, o Espírito Santo é concessor da vida por possuí-la por natureza. Por isso, é doador e criador: “Envias o teu Espírito, e são criados, e assim renovas a face da terra” (Sl 104,30). Sesboüé destaca alguns trechos bíblicos que mostram o Espírito como vivificador: “o Espírito é que vivifica” (Jo 6,63); “o Espírito é vossa vida” (Rm 8,10); “o último Adão é em Espírito vivificante” (1Cor 15,45). Assim, sendo o Espírito é o doador da vida por natureza, aqueles que se distanciam dele não recebem a vida comunicada pelo Cristo. Basílio vai escrever em seu Tratado, referindo-se ao Espírito Santo: “Por meio dele, elevam-se os corações, os fracos são conduzidos pela mão, os que progridem chegam à perfeição (BASÍLIO, 1999, p.116). No Espírito a vida é vida na graça, sendo ele o canal da graça. Tanto o símbolo, quanto Basílio referem-se a vivacidade do Espírito não restringindo-a à sua ação criadora, mas ampliando à ação santificadora e à comunicação da vida divina. “Quando acolhe uma alma ferida pelos golpes malignos do diabo, e ele a cura da grave doença dos pecados, denomina-se médico” (BASÍLIO, 1999, p.109).

“Que procede do Pai” – O Espírito não é gerado, pois Cristo é o único gerado do Pai. Gregório de Nazianzo utilizou o termo ²⁵“proceder” (ἐκπορευόμενον) recorrendo o texto de João: “Mas, quando vier o Consolador, que eu da parte do Pai vos hei de enviar, aquele Espírito de verdade, que procede do Pai, ele testificará de mim” (Jo 15,26). Sesboüé diz: “O Espírito não é nem não-gerado como o Pai, nem gerado como o Filho; mas tampouco é criado, pois tem uma origem divina eterna” (2002, 241). O termo “proceder” vem distinguir o Espírito das criaturas.

²⁵ Discursos Teológicos, 31, 8-9 *apud* Sesboüé

“(…) e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado” – Aqui, destaca-se a partícula *com*, partícula que aponta para aquilo que tem em comum entre o Espírito Santo, o Pai e o Filho. Basílio, em seu Tratado, fez-se compreender que se pode utilizar essa partícula referindo-se ao Espírito Santo para frisar a comunhão trinitária e a mesma glória para Pai, Filho e Espírito Santo. Essa cláusula é reflexo do trabalho de Basílio contra os pneumatômacos: “Envergonho-me de acrescentar o que falta, a saber, tu esperas ser glorificado com Cristo (‘Pois sofremos com ele para também com ele ser glorificados’ (Rm 8,17)), mas não glorificas com Cristo o Espírito de santidade, como se não fosse digno das mesmas honras que tu” (BASÍLIO,1999, 174). Basílio escreve o quanto o Espírito age nas criaturas, nos homens que se deixam modelar por sua ação. Exprime com palavras belas a atuação do Espírito e sua honra, destacando a sua dignidade em ser glorificado:

Ele é que, iluminando os que se purificam de toda mácula, transforma-os em espirituais, através da comunhão com ele. E como os corpos claros e diáfanos, atingidos por um raio luminoso, tornam-se brilhantes e emitem outro fulgor, assim as almas portadoras do Espírito, iluminadas por ele, tornam-se elas também espirituais e propagam a graça (BASÍLIO, 1999, 116).

Sesboüé não destacou uma sexta cláusula, mas que faz parte da pneumatologia de Basílio e do símbolo: “Ele falou pelos profetas” – Com essa frase final, o símbolo destaca a passagem do Espírito pela história da salvação e deixa claro que, o mesmo Espírito age antes, durante e depois da encarnação de Cristo. Essa é exatamente a preocupação de Basílio, destacar que o Espírito Santo, em tudo, está unido ao Pai e ao Filho:

O Espírito Santo em tudo é certamente inseparável do Pai e do Filho. S. Paulo, na epístola aos Coríntios, no trecho sobre o carisma das línguas, escreve: ‘Se, ao contrário, todos profetizarem, o incrédulo ou o simples ouvinte que entrar há de se sentir arguido por todos, julgado por todos; os segredos de seu coração serão desvendados; prostrar-se-á com o rosto por terra, adorará a Deus e proclamará que Deus está realmente no meio de nós’ (1 Cor 14, 24-25). Efetivamente, se a profecia, ação do Espírito a distribuir os carismas, possibilita o reconhecimento da presença de Deus nos profetas, determinem nossos adversários que lugar querem destinar ao Espírito Santo. (*Ibidem*, p.132).

Assim como Basílio, o símbolo busca termos equivalentes para explicitar a consubstancialidade do Espírito ao Filho e ao Pai, sem utilizar termos que pudessem dificultar o acordo com os macedonianos e outras tendências moderadas e, sem diminuir a dignidade do Espírito. Percebe-se no símbolo que há clareza sobre a essência divina nas três pessoas trinitárias, sem,

contudo, perder as três *hipóstases* que se articulam na única essência. Dizer que “Cremos em um só Deus, Pai todo-poderoso” é declarar a *ousía* (divina) e a *hipóstase* (paternidade); da mesma forma, dizer que cremos em “um só Senhor, Jesus Cristo, Filho unigênito” é declarar a *ousía* (divina) e a *hipóstase* (filiação). Também dizer que cremos “no Espírito Santo, Senhor e fonte de vida” é declarar a *ousía* (divina) e a *hipóstase* (santificação).

Importante observar que Constantinopla confirmou definitivamente o Concílio de Niceia e se ocupou dos problemas oriundos da recepção nicena.

Assim, as diversas afirmações do Concílio de Constantinopla sobre o Espírito Santo são reflexo do trabalho de São Basílio e dos Padres Capadóciolos, trabalho que contribuiu para o desenvolvimento do dogma trinitário. A declaração do Espírito Santo como Senhor, adorado e glorificado com o Pai e o Filho definiu a essência do entendimento trinitário.

5. Conclusão

São Basílio nasceu em uma família que buscava testemunhar a fé cristã e seu grande amor por Cristo. Com excelente formação familiar e intelectual, ele pode desenvolver seu caminho, inicialmente, afastando-se dos ideais transmitidos por sua família mas, retornando a esses princípios fundamentais. É justamente essa liberdade experimentada por Basílio que o faz retornar a fé cristã tendo-a mais enraizada, capacitando-o a uma conversão de costumes que o levaria a uma vida santa. A obra de São Basílio é indissociável de sua vida, vida que buscava a imitação do Filho.

O Tratado Sobre o Espírito Santo é uma obra corajosa. Basílio se aventura a escrever sobre um assunto que ainda era pouco desenvolvido, em um contexto no qual não ganharia prestígios, ao contrário, o descrédito e a incompreensão bater-lhe-iam à porta. A coragem em escrever não anula o receio de provocar mais divisões dentro de uma Igreja fragilizada pelas inseguranças e dúvidas geradas por tantas controvérsias. Esse receio foi vencido pela provocação de Anfilóquio, seu amigo, e pelo amor que São Basílio carregava pela Verdade. Ao mesmo tempo, seu tratado é uma obra cautelosa. Por não encontrar a afirmação explícita na Bíblia de que o Espírito Santo é Deus, Basílio não o declara como Deus – escolhendo utilizar um termo mais cauteloso, sem, contudo, tirar a dignidade do Espírito. “Senhor” é o termo escolhido por São Basílio e posteriormente pelo Concílio de Constantinopla, numa tentativa de fidelidade a fé revelada sem escandalizar os chamados “inimigos do Espírito”.

Nesse equilíbrio entre coragem e a cautela, vem preservada a natureza divina do Espírito Santo e sua dignidade e honra, visto ser glorificado junto ao Pai e ao Filho. São Basílio utiliza princípios bíblicos para comprovar que não há hierarquia dentro da Trindade, arruinando toda tentativa de subjugar o Espírito em relação ao Pai e ao Filho, declara a mesma dignidade divina entre as três *hypóstasis*. Além da revelação bíblica, o autor recorre à Tradição da Igreja, mostrando assim a importância da fé comunitária como lugar da manifestação divina.

Basílio é o único Padre Capadócio a receber o título de Magno, o Grande, por se destacar como pastor e mestre. Como pastor, se ocupou dos fragilizados e pobres, que em sua região eram tantos. Denunciou a exploração, a desigualdade e o esbanjamento dos bens materiais e também por isso sofreu represarias. Como mestre, desenvolveu e sistematizou a fé cristã representando, em seu tempo, um “segundo Atanásio” na defesa da ortodoxia.

Seu amigo, São Gregório Nazianzeno diz a seu respeito, no dia de seu enterro, sintetizando sua vida e obra: "Basílio santo, nasceu entre os santos. Basílio pobre viveu pobre entre os pobres. Basílio, filho de mártires, sofreu como um mártir. Basílio pregou sempre; com seus lábios e com seus exemplos, e seguirá pregando sempre com seus escritos admiráveis".²⁶

²⁶ Tirado do site: (<http://conventodapenha.org.br/sao-basilio-magno/>), no dia 30 de set. 2017.

Referências

DE CESAREIA, B. *Homilia sobre Lucas 12, Homilias sobre a origem do homem e Tratado sobre o Espírito Santo*. Tradução Roque Frangiotti e Monjas Beneditinas de Caxambu. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 1999

HAMMAN, A. G.; *Para ler os Padres da Igreja*. Tradução: Benôni Lemos. 1ªed. São Paulo: Paulus, 1995. Pg.113-130

DROBNER, H. R.; *Manual de Patrologia*. Tradução de Orlando dos Reis e Carlos Almeida Pereira. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003. Pg 192-307

MEULENBERG, L.; *Basílio Magno: Fé e cultura*. Petropolis, RJ: Vozes, 1998

SIEPIERSKI, P. D.; *A “Leiturgia” libertadora de Basílio Magno*. Tradução de Gilson Marcon de Souza. São Paulo: Paulus, 1995

HILBERATH, B. J.; *Manual de Dogmática Vol.1, Vida a partir do Espírito*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008. Pg 403-495

LADARIA, L. F.; *O Deus vivo e Verdadeiro, O mistério da Trindade*. 3ª ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2005. Pg 215-236

SESBOÛÉ, B.; SJ; *O Deus da Salvação*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Ed. Loyola, 2002. Pg 226-262

Artigo

GOUVÊA, D. Henrique Coelho OSB; *A divindade do Espírito Santo em Atanásio*, COLETÂNEA, Rio de Janeiro Ano XV Fascículo 29, p. 82-94 Jan-Jun. 2016

Internet

ORDEM DE SÃO BASÍLIO MAGNO; *São Basílio Magno*. Disponível em: <https://osbm.org.br/sao-basilio-magno/#osescritosdesaobasilio>

Acesso em 25 jul. 2017

CARTA DE SANTO ATANÁSIO A SERAPIÃO – SOBRE O E.S. Disponível em:

http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais_da_igreja/s_atanasio_sobre_a_divindade_do_espirito_santo.html

Acesso 29 jul. 2017

SÃO BASÍLIO MAGNO, HONRA E ORNAMENTO DA IGREJA. Disponível em:

<http://catolicismo.com.br/materia/materia.cfm?IDmat=8C7DDCA1-3048-560B-1C290806917EC41F&mes=Julho2007>